

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES  
LICENCIATURA EM EDUCOMUNICAÇÃO

DENISE ROSA ORA

**Ensino remoto emergencial: uma análise das atividades propostas  
pelas Trilhas de Aprendizagens da SME-SP sob um olhar  
educomunicativo**

São Paulo - SP

2022

DENISE ROSA ORA (6829415)

**Ensino remoto emergencial: uma análise das atividades propostas  
pelas Trilhas de Aprendizagens da SME-SP sob um olhar  
educomunicativo**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Comunicações e Artes da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (USP) para obtenção do título de Licenciada em Educomunicação.

Área de concentração: Educomunicação  
Orientadora: Profa. Dra. Maria Cristina Palma Mungioli

São Paulo - SP

2022

Nome: Denise Rosa Ora

Título: Ensino remoto emergencial: uma análise das atividades propostas pelas Trilhas de Aprendizagens da SME-SP sob um olhar educacional

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Licenciada em Educomunicação.

Aprovado em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

Banca Examinadora

Orientadora: Profa. Dra. Maria Cristina Palma Mungioni

Instituição: Universidade de São Paulo – Escola de Comunicações e Artes

Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof: \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof: \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

## RESUMO

A eclosão da pandemia de COVID-19 em 2020 trouxe para nossa sociedade enormes desafios e perdas. No setor da Educação, fomos apresentados a um cenário muito difícil: escolas fechadas, crianças e jovens estudantes desassistidos pelo Estado; falta de políticas públicas para fazer, mesmo que parcialmente, frente a esse cenário. Como forma de atender parte da população escolar que tinha acesso à internet, a Secretaria Municipal da Educação da Prefeitura São Paulo (SME-SP) propôs atividades de ensino-aprendizagem remotas. Considerando tal cenário, o presente trabalho de conclusão de curso se propôs a analisar, com base em uma perspectiva educomunicativa, as atividades do módulo “Linguagens e suas tecnologias – Língua Portuguesa”, dos volumes 1 e 2, presentes nas *Trilhas de Aprendizagens* para o Ensino Médio da SME-SP, no contexto do ensino remoto emergencial devido à pandemia. Tendo como fundamentação a Educomunicação, bem como diretrizes que respaldam a educação midiática e a democratização da comunicação, como as estabelecidas pela UNESCO, pela BNCC e pelo Currículo da Cidade, este trabalho buscou refletir sobre as teorias envolvendo as metodologias ativas no ensino/aprendizagem e a importância do letramento digital em nossa sociedade atual. Para isso, analisou as estratégias pedagógicas apresentadas pelo material da SME-SP. Ademais, foram feitas reflexões acerca das reais possibilidades de se aplicar as atividades propostas, considerando as muitas problemáticas vividas no contexto da pandemia, e sugestões de melhorias para tais atividades em um cenário ideal de ensino.

Palavras-chave: educomunicação e ensino remoto; estratégias e metodologias ativas; letramento digital, tecnologias na educação.

## **AGRADECIMENTOS**

O desenvolvimento deste trabalho de conclusão de curso só foi possível graças a algumas pessoas, as quais gostaria de agradecer imensamente.

Primeiramente, aos meus pais, que fizeram muitos sacrifícios para que eu pudesse ter melhores oportunidades em minha vida e hoje ser quem eu sou.

Aos amigos, que apoiaram as minhas decisões e sempre acreditaram no meu potencial; mesmo quando eu mesma duvidei, eles não me deixaram desistir.

Por fim, aos professores de Licenciatura em Educomunicação, que muito me ensinaram nestes quatro anos de caminhada; especialmente à minha orientadora, que compartilhou seus saberes e sua experiência comigo, guiando o meu trabalho para um bom resultado.

Só posso agradecer por ter chegado até aqui com a ajuda de todos e finalizado mais um ciclo de aprendizado.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – A pirâmide do aprendizado .....	18
Figura 2 – Ciclo de 5 etapas do design thinking .....	22
Figura 3 – Fluxograma da condição de frequência à escola.....	34
Figura 4 – Tela inicial de acesso às Trilhas de Aprendizagens .....	44
Figura 5 – Página para download dos materiais em Libras .....	45
Figura 6 – Trilhas de Aprendizagens para o Ensino Médio .....	46
Figura 7 – Capítulo inicial de apresentação do material .....	48
Figura 8 – 10 motivos pelos quais os alunos devem estudar durante a pandemia .....	49
Figura 9 – Atividade “Pisando firme” .....	50
Figura 10 – Exemplo de como preencher as metas de estudos .....	51
Figura 11 – Link para compartilhamento das atividades concluídas.....	52
Figura 12 – Módulo de ensino “Linguagens e suas tecnologias” .....	53
Figura 13 – Volumes 1 e 2 das Trilhas de Aprendizagens para o Ensino Médio.....	56
Figura 14 – Aprendendo a aprender .....	72

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1. EDUCOMUNICAÇÃO: CONCEITUAÇÃO E PILARES.....	11
2. METODOLOGIAS ATIVAS DE ENSINO-APRENDIZAGEM.....	15
2.1. Pirâmide de aprendizagem de William Glasser.....	18
2.2. Sala de aula invertida.....	19
2.3. Design thinking.....	21
2.4. Aprendizado baseado em projetos ou estudo de caso.....	22
2.5. Aprendizagem em equipes.....	23
2.6. Cultura maker.....	23
2.7. Trilhas de aprendizagens.....	24
2.8. Os sete saberes de Morin.....	26
3. LETRAMENTO DIGITAL E LEITURA CRÍTICA DA MÍDIA.....	31
3.1. Letramento antes do digital.....	31
3.2. Letramento digital, mídia e educação.....	36
4. O MATERIAL ANALISADO: TRILHAS DE APRENDIZAGENS.....	43
4.1. Trilhas de aprendizagens.....	43
4.2. Carta aos estudantes.....	46
4.3. Dicas para realização das atividades.....	47
4.4. Apresentação do material.....	47
4.5. Aprendendo a aprender.....	49
4.6. Linguagens e suas tecnologias.....	53
5. ANÁLISE DAS TRILHAS DE APRENDIZAGENS: LINGUAGENS E SUAS TECNOLOGIAS – LÍNGUA PORTUGUESA - VOLUMES 1 E 2.....	56
5.1. Trilhas de Aprendizagens: Ensino Médio - Volume 1.....	56
5.2. Trilhas de Aprendizagens: Ensino Médio - Volume 2.....	63
5.3. Considerações parciais.....	68
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	75
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	77
REFERÊNCIAS FILMOGRÁFICAS.....	81
ANEXOS.....	82

## INTRODUÇÃO

O ensino remoto emergencial, muitas vezes confundido com o ensino a distância<sup>1</sup>, refere-se a um tema bastante atual, o qual tem sido vivenciado muito recentemente devido ao contexto pandêmico global provocado pela COVID-19. Nesse sentido, a partir do olhar da Educomunicação, tal assunto tem relevância na medida em que permite explorar as possibilidades que a área leva aos ambientes educacionais, mesmo em meio às adversidades provocadas pela pandemia. Pensar nos pilares da Educomunicação como fonte de estratégia metodológica e didática, que favoreça um ensino mais eficiente, democrático e inclusivo, o qual seja capaz de formar cidadãos que saibam, por exemplo, fazer a leitura crítica da mídia, bem como se expressar por meio dela, colabora para que a área tenha ainda mais visibilidade e seja fonte teórica e prática para educadores e estudantes, assim como para a comunidade científica dentro das áreas de Comunicação e Educação.

Este trabalho, portanto, teve como objetivo analisar estratégias de ensino-aprendizagem das atividades propostas pelo material da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, denominado *Trilhas de Aprendizagens*, no contexto de ensino remoto emergencial devido à pandemia provocada pela COVID-19, levantando questões tais como: é possível estimular o ensino que promova o protagonismo e o pensamento crítico mesmo que a distância?

A partir de uma perspectiva educacional, foi feita uma leitura crítica das *Trilhas de Aprendizagens*, priorizando alguns aspectos apresentados nas apostilas voltadas ao Ensino Médio, tendo como objetivo identificar, por meio de exemplos apresentados no material, como se propôs o processo de ensino-aprendizagem no contexto e como ele foi apresentado aos alunos, tanto por meio da linguagem verbal como da audiovisual, tendo como objeto de pesquisa as atividades apresentadas no módulo “Linguagem e suas tecnologias – Língua Portuguesa”, dos volumes 1 e 2.

A análise apresentada neste trabalho tem como fundamentação conceitos educacionais, bem como diretrizes que respaldam a importância do letramento midiático e da democratização da comunicação, como as veiculadas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), pelo documento da UNESCO — *Alfabetização midiática e informacional*:

---

<sup>1</sup> O ensino a distância é estudado há décadas e requer planejamento e design meticulosos, a fim de que o estudante possa aproveitar da melhor maneira possível todas as potencialidades que esta modalidade pode oferecer. Entretanto, o ensino remoto emergencial, como o nome já diz, é adotado devido a uma situação de emergência em resposta a um cenário de crise, como é o caso da COVID-19, em que houve uma adaptação das aulas presenciais para o ambiente virtual, em caráter provisório e sem os devidos cuidados que uma situação com planejamento proporcionaria. Portanto, é preciso ter ciência de que, por uma série de fatores, as adaptações de ensino-aprendizagem aplicadas nesse contexto têm certas limitações. (HODGES, 2020, p. 2)

*currículo para formação de professores* — e pelo caderno *Cultura Digital* do Programa Mais Educação<sup>2</sup>, os quais também serviram de base teórica para o desenvolvimento deste trabalho.

A Educomunicação propõe-se a integrar às práticas educativas o estudo dos sistemas de comunicação; criar e fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos; e melhorar o coeficiente expressivo e comunicativo das ações educativas. Nesse contexto, o primeiro eixo de formação apresentado pela BNCC, publicada em 2018, é denominado “Letramentos e capacidade de aprender”, o qual diz o seguinte:

Esse eixo se refere a duas condições fundamentais para que os sujeitos possam aprender e se desenvolver, na escola e para além dela:

- o envolvimento em diferentes práticas de letramento, que permitem sua expressão e atuação no mundo, o acesso ao conhecimento acumulado e a novos conhecimentos e
- a criação de condições socioemocionais adequadas para mobilizar suas capacidades de aprender e de se desenvolver, a partir de uma atitude participativa e confiante. (MEC, 2018, p. 180)

Vale ainda destacar que esse conceito de “letramentos”, no plural, inclui, entre outros, justamente o processo de letramento digital e midiático:

[...] Cada vez mais, novas formas de letramento necessárias à vida moderna são levadas em conta no currículo, **em particular aquelas relacionadas a novas tecnologias, como letramento digital, letramento em informação, letramento em mídia e letramento em redes sociais**. (Glossário de terminologia curricular, UNESCO/BIE, 2016, p. 59) (MEC, 2018, p.180, grifos nossos)

Indo ao encontro dos conceitos educacionais também estão os princípios apresentados pela UNESCO (2013, p. 20) em relação à alfabetização midiática e informacional, os quais podem ser resumidos a seguir.

---

2 De acordo com o portal do MEC, “O Programa Mais Educação, criado pela Portaria Interministerial nº 17/2007 e regulamentado pelo Decreto 7.083/10, constitui-se como estratégia do Ministério da Educação para indução da construção da agenda de educação integral nas redes estaduais e municipais de ensino que amplia a jornada escolar nas escolas públicas, para no mínimo 7 horas diárias, por meio de atividades optativas nos macrocampos: acompanhamento pedagógico; educação ambiental; esporte e lazer; direitos humanos em educação; cultura e artes; cultura digital; promoção da saúde; comunicação e uso de mídias; investigação no campo das ciências da natureza e educação econômica”. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/programa-mais-educacao/apresentacao?id=16689#:~:text=O%20Programa%20Mais%20Educa%C3%A7%C3%A3o%2C%20criado,jornada%20escolar%20nas%20escolas%20p%C3%BAblicas%2C>. Acesso em: 27 nov. 2021.

## A Alfabetização Midiática e Informacional (AMI):

- Reconhece o papel fundamental da informação e da mídia no nosso dia a dia;
- Está no centro da liberdade de expressão e informação, uma vez que empodera cidadãos a compreender as funções da mídia e outros provedores de informação a avaliar criticamente seus conteúdos;
- Auxilia usuários e produtores de informação e de conteúdos de mídia a tomar decisões com base nas informações disponíveis.

O caderno *Cultura Digital* do Programa Mais Educação, por sua vez, corrobora tais preceitos ao expressar ideias como no trecho a seguir:

A Cultura Digital é um campo vasto e potente, pois pode estar articulada com qualquer outro campo além das tecnologias, como por exemplo a arte, a educação, a filosofia, a sociologia, etc. Nesta perspectiva a Cultura Digital, assim como uma proposta de educação integral, maximiza todos os campos dos saberes dispostos, tanto dentro quanto fora do espaço escolar justamente por encontrar-se em um lugar que não pode fechar-se para o seu entorno, que o está desafiando a novos jeitos de aprender. Esses novos jeitos de aprender, nos dias de hoje, escapam ao modelo hierárquico, sequencial, linear e fechado em apenas um turno escolar. Compreendem a ideia de rede no ato de conhecer, alterando formas e jeitos de aprendizagem e interpelando-nos a pensar novas formas de escolarização e de fazer cultura. É possível pensar a Cultura Digital como um tipo de área do conhecimento, aquela que gestiona, intercruza as informações e conhecimentos produzidos pela humanidade. (MEC, 2009, p.11)

Portanto, a partir do olhar da Educomunicação, pensar nos temas relacionados ao letramento digital, à leitura crítica da mídia e à cultura digital como um todo, bem como o uso de metodologias ativas para colocá-los em prática na sala de aula, e para além dela, serviu como um guia para respaldar a análise deste trabalho. Do mesmo modo que, as novas maneiras de ensinar são importantes para a educação de jovens no contexto que estamos vivendo atualmente e, provavelmente, para os próximos anos que estão por vir.

## 1. EDUCOMUNICAÇÃO: CONCEITUAÇÃO E PILARES

*“Educomunicação é essencialmente práxis social, originando um paradigma orientador da gestão de ações em sociedade.”*

(SOARES, 2011, p.13)

Este primeiro capítulo se propõe a elucidar alguns conceitos envolvendo a área de Educomunicação, a fim de fundamentar a perspectiva na qual a análise do objeto de estudo foi pautada.

Segundo Ismar Soares (2011, p. 15), a busca por um diálogo entre a educação e a comunicação já se fazia presente no meio acadêmico muito antes do surgimento do conceito propriamente dito. Havia uma preocupação, tanto no Brasil como no exterior, em ampliar as condições de expressão da juventude como forma de engajá-la em seu próprio processo educativo.

Assim, em 1980 já se citava um conceito intitulado genericamente como *Media Education* para se fazer referência às práticas de análise dos meios de comunicação realizadas na Europa; posteriormente o termo foi utilizado por outro importante teórico da área, Mário Kaplún, e outros teóricos da América Latina, que empregavam a expressão *Educación a la Comunicación*. No Brasil, em 1990, ONGs e núcleos de extensão de universidades já usavam a mídia na formação de crianças e jovens, tendo como principal diferencial em relação a outros países, já que aqui não se ensinava apenas a fazer uma leitura da mídia, mas sim a produzi-la com criatividade e autonomia.

Em 1999, o conceito de educomunicação passou a ser difundido a partir do trabalho de investigação acadêmica realizado pelo Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo (NCE - USP). Nesse percurso, foram evidenciadas as transformações profundas que vinham ocorrendo, principalmente nas ciências humanas, em que a interface Comunicação/Educação se fazia cada vez mais necessária, promovendo o processo interdisciplinar (SOARES, 2011, p. 34-35). Este novo campo de intervenção, portanto, é descrito pelo NCE como:

[...] o conjunto das ações voltadas ao planejamento e implementação de práticas destinadas a criar e desenvolver ecossistemas comunicativos abertos e criativos em espaços educativos, garantindo, desta forma, crescentes possibilidades de expressão a todos os membros das comunidades educativas (SOARES, 2003 apud SOARES, 2011, p. 36)

O conceito de ecossistemas comunicativos, por sua vez, está associado a “teias de relações das pessoas que convivem nos espaços onde esses conjuntos de ações são implementados.” (SOARES, 2011, p. 37). Importantes teóricos da comunicação e da educação corroboram tais ideias.

Edgar Morin (2003, p. 22), por exemplo, diz que:

Quanto mais desenvolvida é a inteligência geral, maior é sua capacidade de tratar problemas especiais. A educação deve favorecer a aptidão natural da mente para colocar e resolver os problemas e, correlativamente, estimular o pleno emprego da inteligência geral.

Já Adilson Citelli (2004, p. 141), destaca a importância de um ensino que vá além do conhecimento enciclopédico, mas que promova a construção de um saber fundamentado em um senso crítico:

Trata-se, pois, de trabalhar o conhecimento não apenas como repositório do já sabido, ou de um conjunto de informações – isso os bancos de dados, as enciclopédias armazenadas na memória dos computadores farão cada vez com maior eficiência –, senão como algo socialmente construído e em construção. Vale dizer, é imperioso pensar o ensino com algo integrado em projetos de trabalho que façam sentido na perspectiva formadora do educando.

No mesmo artigo, Citelli (2004, p. 153-154) complementa:

Com isso, abre-se para a escola um enorme campo de possibilidades e desafios [...], passando pela análise crítica das mensagens de massa, indo à discussão de temas mais complexos como os das variadas significações produzidas pela comunicação na sociedade moderna, até o repensar dos próprios modelos didático-pedagógicos, muitos deles presos [...] a concepções e mecanismos que não respondem mais às demandas sociais do nosso tempo.

A Educomunicação, portanto, propõe ao sistema educativo formal, não formal e, até mesmo, informal um ensino que seja capaz de fornecer ao jovem “um mundo que ele mesmo seja capaz de construir, a partir de sua capacidade de se comunicar (SOARES, 2011, p. 53). O trabalho do educador, portanto, é realizado a partir de ações que podem ser classificadas como *inclusivas*, *democráticas*, *midiáticas* e *criativas*, colaborando na criação e no desenvolvimento desses ecossistemas comunicativos (SOARES, 2011, p. 37).

Pode-se dizer ainda que o papel do educador, sobretudo, está pautado em pilares para uma formação de pessoas capazes de transformar a realidade:

Trata-se de produzir mudanças que respondam aos desafios apresentados pela sociedade atual, mobilizada por graves questões relacionadas à vida, à ética, ao trabalho, à convivência entre diferentes, à dignidade humana [...]. Tudo isso exige que as escolas formem pessoas com capacidade de aprendizagem e adaptação constantes, com autonomia intelectual e emocional, com habilidades diversificadas e flexíveis, além de sólido sentido ético e social. (SOARES, 2011, p. 53)

A partir de tal perspectiva, é importante resgatar as ideias de Paulo Freire (1997, p. 71) sobre teoria e práxis, na medida em que uma não deve estar dissociada da outra, ainda mais no contexto atual que vivemos, em que as novas tecnologias da comunicação estão cada vez mais presentes em nosso dia a dia, tornando a pura transmissão de informação, também chamado de conhecimento enciclopédico, algo obsoleto e contraproducente do ponto de vista didático. Ter acesso à informação é algo relativamente fácil atualmente; na verdade, o que temos, muitas vezes, é uma “enxurrada” de informações a qual fica muito difícil de filtrar sem uma orientação ou uma mediação especializada. Somada ao excesso de informações sem direcionamento, temos uma vida cada vez mais dinâmica a qual exige o processo de *se aprender fazendo*. Nesse sentido, a prática nos mostra a importância de se contextualizar o que se aprende aproximando o conhecimento de nossa realidade, ao passo que a teoria direciona tal conhecimento permitindo seu aprimoramento:

No contexto teórico, o da formação permanente da educação, é indispensável a reflexão crítica sobre os condicionamentos que o contexto cultural tem sobre nós, sobre nossa maneira de agir, sobre nossos valores. A influência que as nossas dificuldades econômicas exercem sobre nós, como podem obstaculizar nossa capacidade de aprender, ainda que careçam de poder para nos “emburrecer”. O contexto teórico, formador, não pode jamais, como às vezes se pensa ingenuamente, transformar-se num contexto de puro fazer. Ele é, pelo contrário, contexto de que-fazer, de práxis, quer dizer, de prática e de teoria. (FREIRE, 1997, p.71)

A questão da reflexão crítica proposta por Freire se torna ainda mais necessária no contexto atual de desinformação propagada não só, mas, principalmente, por meio das novas tecnologias da comunicação, causando desordem e ações antidemocráticas em nossa sociedade. Com base nessa situação, muitos consideram a era digital um mal a ser combatido, havendo, muitas vezes, uma enorme resistência para lidar com ela e a ela se adaptar. Entretanto, o próprio contexto de ensino remoto emergencial mostrou a real necessidade de incorporar tecnologias em nosso dia a dia, das quais nos tornamos dependentes em certo ponto para manter ativas nossas atividades comunicacionais. Dessa forma, a presença das novas tecnologias da comunicação, principalmente no ambiente escolar — por meio do letramento digital e da

educação midiática, e não somente como mera ferramenta em substituição a lousa e giz/lápis e caderno —, é um caminho necessário para lidar com tais problemáticas, a fim de solucioná-las.

Dessa forma, ainda que não seja o ápice do tripé comunicação/educação/tecnologia digital – em termos de importância no processo de ensino-aprendizagem–, a tecnologia é uma necessidade para o desenvolvimento da educação nestes novos tempos. (CONSANI & CURY, 2019, p. 82)

As novas tecnologias da comunicação, portanto, têm um grande impacto em um mundo globalizado, e para nos adaptar a ele, sem banalizar a relevância que tem a educação na vida das pessoas, é preciso rever estratégias de ensino-aprendizagem considerando essas constantes transformações sociais. O propósito é inserir continuamente no processo de formação de indivíduos novas maneiras de aprender, com o objetivo de formar cidadãos mais democráticos, participativos para vida social e preparados para tomar decisões a partir de uma análise crítica, extraindo o melhor daquilo que se aprende no ambiente escolar, como das inúmeras informações às quais estão expostos fora dele.

Nesse sentido, as metodologias ativas, descritas no capítulo a seguir, mesmo que não sejam completamente novas em seus princípios e procedimentos e embora algumas delas já circulem como conceito teórico na área da Educação há um bom tempo, ainda têm muito potencial a ser explorado e aplicado em sala de aula, não somente como complementação em atividades pontuais, mas como estratégia pedagógica a ser usada integralmente, já que teoria e prática precisam caminhar lado a lado.

## 2. METODOLOGIAS ATIVAS DE ENSINO-APRENDIZAGEM

*“[...] a aprendizagem escolar é um processo ativo do ponto de vista do aluno, no qual ele constrói, modifica, enriquece e diversifica seus esquemas de conhecimento a respeito de diferentes conteúdos escolares a partir do significado e do sentido que pode atribuir a esses conteúdos e ao próprio fato de aprendê-los.”*

*(ONRUBIA, 2006, p. 123)*

Quando buscamos em nossa memória a imagem clássica de uma escola, logo nos vem à mente um cenário envolvendo grades e portões, lousa, giz, cadeiras dispostas em fileiras, alunos sentados ouvindo, enquanto a figura do professor está à frente falando ou escrevendo na lousa algum conteúdo. Esse cenário descreve o modelo tradicional do ambiente escolar, o qual existe desde a Idade Média. E, não é por acaso, que, percebendo essa imutabilidade do meio escolar, pedagogos e outros teóricos da área de Educação começaram a desenvolver novas formas de ensinar que pudessem, em alguma medida, quebrar esse paradigma “da lousa e giz”, em que os estudantes apenas acompanham passivamente o que lhes é exposto, a tão famosa educação “bancária”, ou enciclopédica, da qual Freire (1996, p. 13) trata. Uma das linhas teóricas que visa à inversão desses papéis em sala de aula é o Construtivismo.

Tendo como fundamentação o livro de Alberto Munari (2010) sobre Jean Piaget (1896-1980), é possível dizer que, no início de 1920, Piaget estudou ao longo de sua vida a gênese e a evolução da inteligência humana, com base no estudo do pensamento da criança, para entender como se dá a construção do conhecimento (de maneira individual e coletiva) e como esses processos são fundamentados em nosso cérebro, ou seja, quais estruturas criamos em nossa mente para chegarmos ao aprendizado. Ao estudar a construção do conhecimento, Piaget identifica que o ser humano compreende os objetos do mundo por meio de um processo de assimilação e acomodação — assimilar significa identificar o objeto e saber interpretá-lo e, para isso, é preciso reorganizar as estruturas mentais para compreendê-la e chegar ao próximo nível de complexidade de tais objetos.

Os conceitos criados por Piaget mostram que o ser humano, desde criança, ao interagir com o mundo e seus objetos, por meio de técnicas de imitação, desenvolve seu próprio conhecimento a partir de suas experiências, aprendendo noções de proporção, quantidade, volume e causalidade, dentro de um tempo e espaço. Conforme vai crescendo, deixa de ter uma

percepção rudimentar e pouco coordenada em sua relação com as coisas do mundo e passa a ter uma percepção cada vez mais complexa, à medida que aprende cada vez mais sobre os objetos do mundo e sobre si mesmo.

Lev Vygotsky (1896-1934), por sua vez, teve papel igualmente importante nas teorias construtivistas, que influenciariam fortemente as mudanças necessárias nos processos de ensino-aprendizagem que surgiriam posteriormente. Assim como Piaget, Vygotsky estudou a construção do conhecimento a partir da análise do desenvolvimento infantil, dividindo-o em um *desenvolvimento real*, no qual a criança já tem habilidades e conhecimentos os quais ela adquiriu sozinha; e o que ele chama de *desenvolvimento proximal*, ou seja, é a construção do conhecimento que está entre o que a criança já aprendeu/desenvolveu e aquilo que ela ainda tem potencial para aprender/desenvolver por meio de ajuda de outras pessoas, seja do professor, seja em um debate ou em uma brincadeira entre colegas. Para Vygotsky, portanto, a interação social e o compartilhamento de conhecimentos entre estudantes, docentes e outras pessoas envolvidas no processo de ensino-aprendizagem são fundamentais para que os indivíduos quebrem as barreiras de suas próprias limitações, desenvolvendo novas competências e habilidades nesse processo de troca de saberes. Sobre o tema, Javier Onrubia (2006, p.123) apresenta importantes considerações acerca do ensino em sala de aula como *ajuda ajustada* no processo de aprendizagem:

[...] isto é, o ensino, deve ser entendido, necessariamente, na concepção construtivista, como uma *ajuda* ao processo de aprendizagem. Ajuda necessária, porque sem ela é altamente improvável que os alunos cheguem a aprender, e a aprender da maneira mais significativa possível, os conhecimentos necessários ao seu desenvolvimento pessoal e à sua capacidade de compreensão da realidade e de atuação nela, que a escola tem a responsabilidade social de transmitir. Mas apenas ajuda, porque o ensino não pode substituir a atividade mental construtiva do aluno nem ocupar o seu lugar. (ONRUBIA, 2006, p.123)

Nesse sentido, o papel do professor é o de *mediar* essa relação entre aquilo que o estudante já sabe e aquilo que ele ainda precisa desenvolver, estimulando a construção desses conhecimentos de maneira ativa. Ainda segundo Onrubia (2006, p. 125), primeiramente é preciso partir dos conhecimentos já adquiridos, ou seja, aproximar os significados daquilo que já é conhecido para somar elementos daquilo que ainda não se sabe. Contudo, o conhecimento não para por aí, pois o aluno não deve se limitar àquilo que já sabe ou domina, e sim justamente desenvolver aquilo que ainda não sabe ou não domina totalmente; e o professor é esse mediador que lançará os desafios necessários para que esses conhecimentos se expandam e desenvolvam:

Isso significa, por um lado, que o ensino deve apontar, fundamentalmente, não para aquilo que o aluno já conhece ou faz nem para os comportamentos que já domina, mas para o que não conhece, não realiza ou não domina suficientemente; ou seja, deve ser constantemente exigente com os alunos e colocá-los diante de situações que os obriguem a **envolver-se em um esforço de compreensão e de atuação**. Ao mesmo tempo, essa exigência deve ser acompanhada dos apoios e suportes de todo tipo, dos instrumentos tanto intelectuais como emocionais que possibilitem que os alunos superem essas exigências e desafios. (ONRUBIA, 2006, p. 125, grifos nossos)

Nesse contexto, o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) desenvolvido por Vygotsky é muito importante, na medida em que considera que os indivíduos aprendem por meio da interação com outros indivíduos com competências e habilidades já desenvolvidas para determinado assunto, fazendo com que, ao compartilhar tais competências e habilidades, possibilitam que posteriormente essa ajuda dada se transforme em autonomia devido aos novos conhecimentos desenvolvidos:

[...] é também possível entender que aquilo que a pessoa é capaz de fazer com a ajuda da ZDP, em um dado momento, poderá realizar independentemente mais tarde: aquilo que primeiro pode ser realizado no plano social e interpessoal poderá, mais tarde, ser dominado e realizado de maneira autônoma pelo participante inicialmente menos competente. (ONRUBIA, 2006, p. 128)

Nesse contexto, entram as chamadas *metodologias ativas de ensino-aprendizagem*, categoria múltipla de ensino a qual recebeu colaboração de várias correntes, inclusive a do Construtivismo, valendo-se de estratégias didáticas para mediar uma situação de ensino na qual o aluno tenha autonomia suficiente para lidar com desafios a partir de seus conhecimentos prévios, mas também, por meio do diálogo e da coletividade, desenvolver novos saberes. Dentro do tema de metodologias ativas, serão descritas, a seguir, algumas modalidades tendo como fonte principal as aulas do curso EAD “Material didático e novas tecnologias: Design Instrucional”, da Universidade do Livro - Editora Unesp, ministrado pelo professor Roger Trimer (2020).

## 2.1. Pirâmide de aprendizagem de William Glasser

Considerando o tema de metodologias ativas, segundo Roger Trimer, uma teoria interessante que tem sido posta em prática nas formas alternativas de ensino é a pirâmide de aprendizagem de William Glasser (TRIMER, s/p, 2020). Embora a pirâmide tenha sido atribuída a Glasser, nenhum de seus trabalhos a citam diretamente e também não há relatos científicos que comprovem a eficácia desta. Entretanto, a partir de experiências de professores e alunos, essa lógica tem buscado ser implementada com o intuito de tornar os objetos de aprendizagem mais atrativos aos estudantes e com conteúdos que possam ser mais bem-absorvidos, mesmo que tal escala não indique o quanto alguém de fato pode aprender e sim o que pode reter daquela informação. De acordo com a ideia da pirâmide (FIGURA 1), somos capazes de reter o aprendizado conforme a imagem apresentada a seguir:

Figura 1 – A pirâmide do aprendizado



Fonte: Portal Antenados.

Nesse sentido, a implementação de metodologias ativas no ensino busca inverter essa pirâmide, agregando ao processo de ensino-aprendizagem teoria e prática, as quais precisam caminhar juntas, assim como pontua Freire (1997, p. 71). A seguir, apresentamos algumas das

estratégias que têm sido vinculadas ao contexto das pedagogias ativas. Vale salientar que, devido aos propósitos deste trabalho, faremos um resumo de suas principais características. Cabe destacar, no entanto, que faremos algumas considerações críticas em torno das estratégias não com a intenção de exaurir os argumentos favoráveis e/ou contrários, mas com a intenção de pontuar algumas possibilidades de interpretação dessas estratégias.

## 2.2. Sala de aula invertida

Este conceito se propõe a inverter os papéis tradicionais entre aluno e professor, pois, na sala de aula invertida, enquanto o primeiro é o protagonista em sua jornada do conhecimento; o segundo, como já foi falado anteriormente, é o mediador para que tal conhecimento seja alcançado.

O *Currículo Alfamed de formação de professores em educação midiática* usa o termo “Flipped Classroom” e descreve o conceito da seguinte forma:

O Flipped Classroom (Aprendizagem invertida ou aprendizagem reversa, aprendizagem “para trás”) transfere o trabalho de certos processos de aprendizagem para fora da sala de aula e usa o tempo de aula (presencial ou online), dependendo da experiência do professor, para facilitar e potencializar outros processos de construção coletiva do conhecimento, para a elaboração de metateorias dentro da sociedade do conhecimento, fora e dentro da sala de aula. (AGUADED, 2020, p. 145)

Já o artigo “Sala de aula invertida: análise de uma experiência com o ambiente virtual schoology”, da *Revista Novas Tecnologias na Educação*, reforça a importância das metodologias ativas como maneira de rever o modelo tradicional de ensino, apresentando a sala de aula invertida, SAI, como um exemplo colocado em prática. Como introdução ao conceito, o artigo mostra que a expressão *flipped classroom* se popularizou quando os professores de Química Jonathan Bergmann e Aaron Sams (Colorado – EUA) perceberam que as principais dificuldades dos alunos surgiam em casa ao tentarem compreender o conceito dado em sala de aula ou fazer um exercício como tarefa. Então, os professores decidiram inverter a lógica e passar os conteúdos teóricos para serem apreendidos em casa e, então, os exercícios seriam praticados no período de aula, tendo os professores ali para auxiliar e tirar as possíveis dúvidas (RANGEL, 2018, p. 54).

Entretanto, é importante dizer que o recurso de sala de aula invertida não é simplesmente fazer com que o aluno, por exemplo, leia previamente o conteúdo que será trabalhado em aula, a partir de uma bibliografia preestabelecida pelo professor, para então continuar agindo

passivamente no momento da aula, mas sim fazer com que ele participe ativamente do conteúdo apresentado — tanto antes, quando não só deverá se guiar por um conteúdo didaticamente recomendado, mas também pesquisar por conta própria sobre o tema, anotando dúvidas e possíveis curiosidades; como durante a aula, momento em que poderão ser feitos debates e/ou atividades que coloquem em prática tal aprendizado.

De acordo com Valente (2014), na SAI, a sala de aula deve se tornar um lugar dinâmico, de interação, de participação ativa, permitindo, por exemplo, atividades em grupos, trabalho cooperativo, debates, resoluções de problemas e o desenvolvimento de projetos, com o professor atuando como mediador pedagógico. Sota (2016) relata alguns benefícios dessa proposta, tais como: i) favorecer a aprendizagem personalizada; ii) dar ao professor e ao aluno um feedback imediato do trabalho realizado; iii) criar mais oportunidades de colaboração e interação entre os alunos; iv) desenvolver no aluno o senso de responsabilidade pelo seu aprendizado. (RANGEL, 2018, p. 54)

Um exemplo de dinâmica de uma sala de aula invertida é quando o professor introduz um determinado assunto, mas de maneira sucinta e dá subsídios para direcionar à turma a pesquisar mais sobre esse assunto; em uma próxima aula, é possível fazer uma roda de conversa ou pequenos grupos de discussão em que os alunos vão explicar uns aos outros o que aprenderam sobre aquela temática. Como complementação, o professor pode aplicar ainda alguma atividade em grupo ou individual relacionada a uma situação real na qual os estudantes possam vincular o que foi aprendido com o seu cotidiano, fazendo com que aquele novo saber faça sentido em sua realidade.

Cabe salientar que o modelo de sala de aula invertida é passível de críticas — assim como qualquer proposta pedagógica — na medida em que, como pontua o artigo “Sete críticas à sala de aula invertida”, da *Revista Contexto e Educação*, tal abordagem ainda necessita de aprofundamento em sua construção teórica e prática, uma vez que mais formaliza/estrutura princípios já defendidos pela Escola Nova, do que apresenta uma inovação propriamente dita. O artigo ainda alerta para problemáticas envolvendo a gestão dos conteúdos no extraclasse, a falta de dados suficientes que comprovem a eficácia da metodologia. Ainda, o equívoco que, muitas vezes, se faz ao descrever a sala de aula como uma metodologia de ensino, o que dificulta o entendimento da proposta como fenômeno educativo contemporâneo (VALÉRIO & MOREIRA, 2018, p. 219).

Há ainda os autores que consideram que o modelo de sala de aula invertida pode descaracterizar o papel da prática docente, depreciando o trabalho de professores experientes e bem-formados, os quais poderiam ser substituídos por tutores que apenas acompanhariam

atividades avaliativas, por exemplo (VALÉRIO & MOREIRA, 2018, p. 225). Entretanto, fica a ressalva de que, do ponto de vista da Educomunicação, o papel do professor quanto mediador no processo de ensino-aprendizagem é fundamental para a formação de cidadãos críticos e protagonistas de suas histórias.

### 2.3. Design thinking

Como exemplo conceitual, de acordo com a Alfamed, o *desing thinking*:

[...] consiste em confiar em como por meio de um processo proativo é possível chegar a novas soluções relevantes que gerem um impacto positivo em um determinado contexto, como a educação. O Design Thinking dá a professores e alunos confiança em sua capacidade criativa para transformar desafios complexos em oportunidades para o design de situações e desafios educacionais. (AGUADED, 2020, p. 145)

Segundo artigo escrito por Débora Garofalo (2018, s/p), o *design thinking* aplicado à educação também pode ser chamado de “aprendizagem investigativa”, em que o estudante atua como parte da construção do conhecimento, e, com a ajuda dessa metodologia, a aula passa por uma espécie de redesenho. De acordo com a autora, o *design thinking* posto em prática em aula pode ser dividido em cinco partes (FIGURA 2), conforme o resumo a seguir:

- Descoberta e interpretação: aqui, o aluno se vê desafiado a buscar soluções para um determinado problema proposto, a partir do seu conhecimento prévio, bem como com a ajuda de pesquisa e busca por novas informações.
- Ideação: nesta etapa, os estudantes fazem uma espécie de *brainstorm* para elencar as várias possibilidades para a solução do problema, o qual foi pensado nas duas primeiras etapas. A criatividade é a palavra-chave aqui.
- Experimentação: esse é o momento de colocar as ideias em prática, testando as possibilidades de execução daquilo que se levantou como solução para o desafio apresentado pelo professor.
- Evolução: nessa etapa final, os participantes, em grupos ou individualmente, elegem uma alternativa ao desafio proposto e elaboram um planejamento para se chegar a um trabalho ou projeto final, por exemplo.

**Figura 2 – Ciclo de 5 etapas do design thinking**



*Fonte: Nova Escola.*

Para Garofalo (2018, s/p):

O Design Thinking tem muito a contribuir com o processo educacional devido à possibilidade de ouvir, criar, envolver e trabalhar com foco em resoluções de problemas. Ele possibilita o pensamento visual e o desenvolvimento da empatia, colaborando com as aulas desde o planejamento até a avaliação. Ele pode ser vivenciado em todas as áreas do conhecimento, já que permite que o aluno participe ativamente da construção do conhecimento.

Pode-se dizer, portanto, que o conceito se propõe a apresentar soluções criativas para problemas complexos, por meio de abordagens não convencionais, com o objetivo de explorar diferentes possibilidades para se chegar a um resultado efetivo, ou seja, propõe-se a quebrar paradigmas e levar inovação, inclusive no ambiente escolar.

#### **2.4. Aprendizado baseado em projetos ou estudo de caso**

O aprendizado baseado em projetos, do inglês Project Based Learning (PBL)<sup>3</sup>, é uma modalidade que incentiva os alunos a resolver em grupos problemas da vida real. A ideia é que eles tenham participação desde o início, dando sugestões de temas que gostariam de abordar,

---

<sup>3</sup> Apesar de apresentar algumas similaridades, como o incentivo do debate em grupo, aqui estamos abordando aspectos do conceito de Project Based Learning (PBL), e não Problem Based Learning (PBL).

por exemplo: a importância da reciclagem no Brasil. Os projetos em sua maioria são interdisciplinares, portanto envolvem a mediação de mais de um professor, então caberá aos estudantes se dividirem em subgrupos para pesquisarem e levarem novas ideias sobre o tema proposto aos demais grupos da turma.

## 2.5. Aprendizagem em equipes

Esta modalidade pode complementar várias outras, uma vez que seu propósito é motivar a ocorrência de ZDP, fazendo com que a troca de conhecimento entre os grupos em sala de aula desenvolva as habilidades entre esses alunos. A divisão de tarefas, o diálogo, o trabalho em equipe e a ajuda mútua são muito benéficas no desenvolvimento em classe, conseqüentemente, tornando mais eficaz o processo de assimilação de conteúdo e real entendimento sobre ele.

## 2.6. Cultura maker

A partir das ideias de metodologias ativas, busca-se criar um espaço específico dentro das escolas o qual permite que os alunos possam ter liberdade para “fazer”, ou seja, é um lugar para construir — o que pode ir desde grandes engenhocas como robôs, como também pode se tratar de um espaço para cozinhar ou cultivar uma horta.

Dentro desse contexto, vale destacar que o segmento Linguagens e suas Tecnologias para o Ensino Médio da BNCC de 2018 propõe cinco campos de atuação social: o campo da vida pessoal; o campo das práticas de estudo e pesquisa; o campo jornalístico-midiático; o campo de atuação na vida pública e o campo artístico, justamente com o intuito de promover não somente um ensino teórico, mas também um ensino que se faça por meio da prática:

A consideração desses campos para a organização da área vai além de possibilitar aos estudantes vivências situadas das práticas de linguagens. Envolve conhecimentos e habilidades mais contextualizados e complexos, o que **também permite romper barreiras disciplinares e vislumbrar outras formas de organização curricular (como laboratórios de comunicação e de mídias, clubes de leitura e de teatro, núcleos de criação artística e literária, oficinas culturais e desportivas etc.)**. (MEC, 2018, p. 489, grifos nossos)

O interessante da cultura maker é dar espaço para a criatividade; claro que, nesses casos, também há a mediação de um professor e, muitas vezes, a combinação de projetos os quais serão executados nesses espaços/laboratórios, porém é o aluno o autor daquilo que será elaborado.

## **2.7. Trilhas de aprendizagens**

O propósito das trilhas de aprendizagens é poder mesclar teoria e prática dentro de uma mesma sequência didática, direcionando o aluno em um caminho, como o nome já diz, no qual ele precisa trilhar para chegar até determinado ponto do conhecimento; sem chegar a determinado ponto, não terá as ferramentas necessárias para seguir para a próxima parada.

Nem toda trilha de aprendizagem é linear, pois existem alguns pontos que são obrigatórios, ou seja, não é possível deixar de acessar aquela etapa da trilha, pois ela será base para alcançar outros conhecimentos; porém existem pontos que são complementares ou optativos. Por exemplo: um professor pode criar um material pedagógico no qual ele possibilita que cada um da turma escolha entre assistir um vídeo ou ler um artigo de um mesmo assunto. Assim, os estudantes têm liberdade de escolher a comunicação que mais lhe ajuda no seu próprio processo de aprendizagem e, mesmo assim, ao final, chegará no ponto do conhecimento pretendido pelo professor, para que ele seja capaz de fazer uma atividade ou um projeto posteriormente.

A Educomunicação, no contexto das metodologias ativas de ensino-aprendizagem, busca que a escola seja um lugar de alteridade e autonomia, no qual os alunos gradativamente são estimulados a pensar criticamente para refletir sobre questões teóricas, mas também para aprender a lidar com problemas da vida real:

As práticas pedagógicas que levam em consideração as metodologias ativas e a educomunicação podem desenvolver inovações, visto que estimulam a criatividade e nesse processo exercem papel fundamental no envolvimento do aluno. Essa construção de uma visão ampliada da realidade é possível através da mediação do professor no processo de construção da análise dos meios de comunicação, principalmente os que tratam do território onde está inserido determinado ambiente escolar; essa aproximação entre o mundo da comunicação e a consequente interpretação dos processos comunicativos facilita o entendimento crítico das mensagens veiculadas pelos meios de comunicação. (PEDROSA, 2019, p. 7)

As metodologias ativas ainda podem contribuir no processo formativo de educadores e educandos, uma vez que promove o diálogo entre as partes, mostrando que não só alunos podem

aprender com professores, como também professores podem e devem aprender com seus alunos, respeitando vivências e saberes de cada um de maneira harmônica:

Nesse processo de construção do saber, as metodologias ativas atuam no processo formativo, pois são baseadas no diálogo e contribuem para uma efetiva troca de conhecimento entre todos os envolvidos no processo ensino aprendizagem. (PEDROSA, 2019, p. 7)

Considerando tais aspectos, mesmo em um contexto de isolamento social, esses valores de autonomia, protagonismo, formação crítica, cidadania e democracia não podem deixar de ser aplicados, ainda que de maneira virtual.

Segundo Freire (1997, p.19), há uma responsabilidade ética em estar preparado para ensinar e para que isso seja possível o professor/educador precisa estar em constante formação, valendo-se da práxis para ter um repertório condizente com a profissão e não cair no equívoco de se teorizar ou se ensinar aquilo que não se põe em prática. O aluno/educando, por sua vez, precisa estar ciente dos seus próprios processos mentais de aprendizagem, encontrando mecanismos que melhor lhe atendam nesses processos. Nesse sentido, Bruner (2001, p. 68) apresenta reflexões que corroboram essa linha de raciocínio:

A pedagogia moderna está partindo cada vez mais em direção à visão de que a criança deveria estar ciente de seus próprios processos de pensamento e que é essencial, tanto para o teórico da pedagogia quanto para o professor, ajudá-la a tornar-se mais metacognitiva — a estar tão ciente de como realiza sua aprendizagem e pensamento quanto da matéria que está estudando.

Ainda, segundo Bruner (2001, p. 68), o conhecimento factual é importante, assim como a relação intersubjetiva do conhecimento, o conhecimento construído por meio de contextualização e, por fim, a consciência da construção do próprio aprendizado.

Retomando Vygotsky, a criatividade também desempenha um papel fundamental na formação social dos indivíduos. Em seu texto *Imaginação e criatividade na infância*, “É justamente a atividade criadora humana que faz do homem um ser que se projeta para o futuro, um ser que cria e modifica o seu presente.” (VYGOTSKI, 2014, p. 3). A construção da fantasia pode representar algo essencialmente novo. Ao combinar imagens a partir da imaginação, o ser humano é capaz de criar objetos/conceitos que não correspondem a nenhum modelo na natureza, mas que passam a fazer parte da realidade. É a partir desse poder criativo que é trazido ao mundo teorias, invenções e novas tecnologias impensáveis até sua existência.

Considerando o contexto escolar, pensar em situações que proporcionem o desenvolvimento da criatividade dos alunos é fundamental no processo de ensino/aprendizagem, como demonstra a cultura maker. Nesse sentido, valer-se das diferentes formas de arte, por exemplo, é uma maneira produtiva de se estimular o processo criativo, fazendo com que os alunos entrem em contato com as artes, desenvolvendo a leitura (seja de um livro, um vídeo, uma peça de teatro, uma pintura etc.), assim como incentivando-os também a produzir sua própria arte (escrevendo, produzindo um vídeo, fotografando) como forma de ler o mundo, desenvolvendo seu poder de crítica e fortalecendo a própria identidade destes, os quais irão aprender a construir seu próprio discurso a partir da leitura da linguagem de outros e, assim, por meio da criatividade, sejam capazes de também modificar positivamente a realidade.

## **2.8. Os sete saberes de Morin**

Morin (2000, p. 1-116), em seu livro *Os sete saberes necessários à educação do futuro*, apresenta aspectos importantes, que são válidos para exemplificar as problematizações de ensino-aprendizagem na educação, sobre os quais podemos refletir, a partir do resumo a seguir, com o propósito de se fazer um paralelo entre os saberes e as metodologias ativas:

1. No primeiro capítulo de seu livro, Morin (2000, p. 19) apresenta o conhecimento como algo que pode nos levar ao erro e à ilusão: “o conhecimento, sob forma de palavra, de ideia, de teoria, é o fruto de uma tradução/reconstrução por meio da linguagem e do pensamento e, por conseguinte, está sujeito ao erro.” (MORIN, 2000, p. 20)  
Considerando tal proposição, a reflexão que se faz aqui é que o conhecimento, portanto, não deve ser descartado por ser falho, mas sim constantemente reciclado e aberto ao diálogo, às inovações, buscando que novas construções possam promover maior efetividade no ensino, justamente o que as metodologias ativas se propõem a fazer, ao promoverem o diálogo entre o tradicional e o novo; professor e alunos; alunos e alunos; alunos e escola; assim como a escola e a comunidade.
2. O segundo capítulo do livro aborda os princípios do conhecimento pertinente, ou seja, para se organizar o conhecimento é preciso que haja uma *reforma do pensamento*. Para Morin (2000, p. 36), para que o conhecimento se torne pertinente, a educação precisa evidenciar o contexto; o global; o multidimensional e o complexo. Nesse sentido, não

cabe na educação do futuro o ensino enciclopédico, o qual beneficia apenas a memorização de fatos e conceitos, porém sem os relacionar com a realidade vivida e suas várias nuances de complexidade. Nada adianta, por exemplo, ensinar uma fórmula matemática sem haja uma explicação de sua aplicação no cotidiano, bem como seus benefícios (ou não) dentro de um contexto.

3. O capítulo 3, intitulado “Ensinar a condição humana”, apresenta a importância de se ensinar tendo como foco a condição humana, uma vez que, segundo Morin (2000, p. 54), vivemos em uma era planetária a qual demanda o respeito à diversidade cultural inerente ao ser humano: “[...] é a cultura e a sociedade que garantem a realização dos indivíduos, e são as interações entre indivíduos que permitem a perpetuação da cultura e a auto-organização da sociedade.” (MORIN, 2000, p. 54)
4. No capítulo 4, “Ensinar a identidade terrena”, Morin (2000, p. 63) novamente destaca o fato de estarmos vivendo em uma era planetária, a qual precisa ser considerada para compreensão da condição humana, uma vez que o excesso de informações vindo das telecomunicações e da internet “sufocam nossas possibilidades de inteligibilidade” (MORIN, 2000, p.63). Para o autor, portanto, a educação do futuro exige um *pensamento policêntrico*, voltado para diversidade da condição humana: “Educar para este pensamento é a finalidade da educação do futuro, que deve trabalhar na era planetária, para a identidade e a consciência terrenas.” (MORIN, 2000, p. 65)
5. No capítulo 5, “Enfrentar as incertezas”, Morin (2000, p. 75) descreve a desconstrução do mito do progresso como fator decisivo para que a civilização perceba as incertezas presentes em nosso mundo, mesmo em meio ao dito progresso:

O progresso é certamente possível, mas é incerto. A isso acrescentam-se todas as incertezas devido à velocidade e à aceleração dos processos complexos e aleatórios de nossa era planetária, que nem a mente humana, nem um supercomputador, nem um demônio de Laplace poderiam abarcar. (MORIN, 2000, p. 80).

Este saber descrito por Morin (2000) é particularmente pertinente para o contexto deste trabalho, considerando o cenário de pandemia do coronavírus, o qual justamente não poderia ter ocasionado um contexto mais incerto. Especificamente em relação à educação, tal cenário nos mostrou quanto é necessário enfrentar as incertezas para que seja possível tomar decisões assertivas, mesmo em meio ao caos daquilo que é incerto. O ensino remoto emergencial evidenciou-se como resposta diante da pandemia para

que, mesmo com todos seus percalços e contradições, fosse possível manter a continuidade do ensino no País.

6. Vale destacar o capítulo 6, “Ensinar a compreensão”, do livro de Morin (2000, p. 93) como saber fundamental para todos os estudiosos das áreas de Educação e Comunicação, isto porque, neste capítulo, Morin (2000) deixa bem clara a diferença entre comunicar e compreender, ao passo que ter a primeira não garante a segunda, ou seja, uma informação, quando bem transmitida, pode alcançar a comunicação, entretanto não é o suficiente para que haja a compreensão daquilo que está sendo dito. O autor separa a compreensão em duas vertentes: a *intelectual ou objetiva* e a *humana intersubjetiva*. A primeira diz respeito à inteligibilidade e à explicação, porém a compreensão humana intersubjetiva envolve um processo mais complexo do que a mera explicação: “Compreender inclui, necessariamente, um processo de empatia, de identificação e de projeção. Sempre intersubjetiva, **a compreensão pede abertura, simpatia e generosidade.**” (MORIN, 2000, p. 95, grifos nossos)

Do ponto de vista educacional, Morin apresenta uma diferente perspectiva ao profissional da educação para mostrar que um ensino eficaz exige compreensão, portanto é preciso que os agentes do ambiente escolar estejam dispostos a dialogar com *empatia, simpatia e generosidade* uns com os outros, para que esse processo possa se dar da maneira mais benéfica possível.

Para Morin (2000), os entraves dessa compreensão estão relacionados aos preconceitos e problemas estruturais que vivemos em nossa sociedade, os quais impedem, muitas vezes, que tal compreensão seja de fato alcançada:

Os obstáculos intrínsecos às duas compreensões são enormes; são não somente a indiferença, mas também o egocentrismo, o etnocentrismo, o sociocentrismo, que têm como traço comum se situarem no centro do mundo e considerar como secundário, insignificante ou hostil tudo o que é estranho ou distante. (MORIN, 2000, p. 96)

Nesse sentido, alunos que não são compreendidos, dificilmente também estarão dispostos a compreender aquilo que lhe é ensinado. Portanto, não basta apenas comunicar, deve-se estabelecer uma compreensão mútua.

7. O capítulo final do livro, “A ética do gênero humano”, trata de uma ética do futuro descrita por Morin (2000, p. 105), a qual deve ser ensinada com base no tripé indivíduo/sociedade/espécie:

As interações entre indivíduos produzem a sociedade e esta retroage sobre os indivíduos. A cultura, no sentido genérico, emerge destas interações, reúne-as e confere-lhes valor. Indivíduo/sociedade/espécie sustentam-se, pois, em sentido pleno: apoiam-se, nutrem-se e reúnem-se. Assim, indivíduo/sociedade/espécie são não apenas inseparáveis, mas co-produtores um do outro. (MORIN, 2000, p. 105)

A partir deste pressuposto, Morin (2000, p. 106) descreve o que ele chama de *antropo-ética* como uma ética propriamente humana, da qual necessitamos para alcançar a completude da humanidade, tendo em vista uma consciência e uma cidadania planetárias. Para que tal consciência e cidadania sejam colocadas em prática, é preciso exercer uma democracia que respeite a diversidade:

A democracia supõe e nutre a diversidade dos interesses, assim como a diversidade de idéias. O respeito à diversidade significa que a democracia não pode ser identificada com a ditadura da maioria sobre as minorias; deve comportar o direito das minorias e dos contestadores à existência e à expressão, e deve permitir a expressão das idéias heréticas e desviantes. Do mesmo modo que é preciso proteger a diversidade das espécies para salvaguardar a biosfera, **é preciso proteger a diversidade de idéias e opiniões, bem como a diversidade de fontes de informação e de meios de informação (impressa, mídia), para salvaguardar a vida democrática.** (MORIN, 2000, p. 108, grifos nossos)

Morin (2000, p. 110-111) fala ainda de uma “enorme máquina” formada por ciência, técnica e burocracia, a qual não somente produz conhecimento e elucidação, mas também ignorância e ilusão, principalmente provocadas pela fragmentação do saber, o qual só é acessível aos especialistas e tecnicistas, bem como sob controle do Estado. Nesse sentido, o cidadão fica alheio ao conhecimento planetário: “Quanto mais a política se torna técnica, mais a competência democrática regride.” (MORIN, 2000, p.111)

Por fim, Morin (2000, p. 114) trata da humanidade como destino planetário:

[...] a Humanidade deixou de constituir uma noção somente ideal, tornou-se uma comunidade de destino, e somente a consciência desta comunidade pode conduzi-la a uma comunidade de vida; a Humanidade é, daqui em diante, sobretudo, uma noção ética: é o que deve ser realizado por todos e em cada um.

Considerando os apontamentos realizados até aqui, com base nas propostas de Morin relacionadas aos sete saberes, é possível ver as metodologias ativas de ensino-aprendizagem como uma alternativa viável para se pôr em prática em sala de aula (e para além dela) alguns desses saberes, no sentido de que tais metodologias visam a unificar essa fragmentação do conhecimento e lidar com suas possíveis falhas, por meio do diálogo entre os pares e entre as diferentes disciplinas, incentivar os alunos a enxergar

o todo dentro de um contexto, de maneira planetária, para que seja possível alcançar um pensamento crítico diante da realidade que nos é posta em nosso cotidiano e com ela buscar uma democracia que respeite a diversidade de um mundo globalizado e integrado, a qual só pode ser alcançada por meio de uma compreensão humana intersubjetiva, a qual pressupõe empatia e generosidade por parte de cada indivíduo.

Nesse sentido, dão subsídios à análise que será apresentada mais adiante as reflexões aqui apresentadas por meio dos sete saberes abordados por Morin (2000). Ademais, a discussão quanto à práxis educativa relacionada intrinsecamente à responsabilidade e à ética de se ensinar propostas por Freire (1997). Vale ainda destacar o processo de construção do conhecimento descrito por Bruner (2001), bem como o conceito de ZDP e o uso da imaginação e da criatividade como motores para inovação propostos por Vygotsky (2001; 2014), além de outros teóricos importantes citados neste trabalho.

Somada à reflexão de tais conceitos teóricos está a desigual realidade brasileira, a qual não pode deixar de ser considerada como chave para o entendimento das problemáticas vividas em nosso sistema de ensino, pois é considerando tal cenário que podemos encontrar caminhos possíveis para soluções concretas. É, portanto, a partir desse lugar que o próximo capítulo se propõe a pensar.

### 3. LETRAMENTO DIGITAL E LEITURA CRÍTICA DA MÍDIA

*“O domínio da língua tem estreita relação com a possibilidade de plena participação social, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento.”*

(BRASIL, 1997, v. 2, p. 16)

#### 3.1. Letramento antes do digital

Para que a análise do objeto de estudo deste trabalho fosse realizada com maior fundamentação, foi necessário refletir ainda sobre a importância do conceito de letramento para o nosso País e, neste contexto, sobre como o letramento digital e a leitura crítica da mídia são tratados na educação básica brasileira.

Segundo Magda Soares (2003, p. 4), o conceito de letramento foi criado para distinguir práticas consideradas mais avançadas e complexas de leitura e escrita do aprendizado de ler e escrever, o qual é chamado de alfabetização. Dessa forma, por volta de 1980, no Brasil é inventado o termo *letramento*, assim como na França *illettrisme*, em Portugal *literacia*, e nos Estados Unidos e na Inglaterra *literacy*, que, embora já fosse uma palavra dicionarizada desde o final do século XIX, também ganhou força como fenômeno distinto da alfabetização na mesma época.

Vale destacar, contudo, que o debate que envolve alfabetização e letramento nos países desenvolvidos como os citados anteriormente ainda hoje é bastante diferente das questões que permeiam o ensino brasileiro:

Nos países desenvolvidos, ou do Primeiro Mundo, as práticas sociais de leitura e de escrita assumem a natureza de problema relevante no contexto da constatação de que a população, embora alfabetizada, não dominava as habilidades de leitura e de escrita necessárias para uma participação efetiva e competente nas práticas sociais e profissionais que envolvem a língua escrita. [...] no Brasil os conceitos de alfabetização e letramento se mesclam, se superpõem, frequentemente se confundem. (SOARES, p. 6-7, 2003)

De acordo com Freire (1997, p. 20), a leitura tem um papel fundamental no processo de formação dos indivíduos. A partir das experiências vividas, os seres humanos trazem consigo

uma leitura do mundo, a qual é carregada de tradições, valores e sentidos, porém, ao passar primeiramente pela alfabetização e depois pelo ensino da leitura e da escrita, ao longo da trajetória escolar é possível desenvolver ainda mais essa leitura de mundo, tornando-a mais diversa e sábia.

Embora exista essa leitura de mundo que é adquirida sem a necessidade de uma formação acadêmica propriamente dita, é justamente em seu exercício, por meio do contato com outras falas, outros universos, que é possível aprimorá-la. Ler, porém, não é uma tarefa fácil ou puramente mecânica de decodificação da palavra e de sua memorização, pelo contrário ela exige paciência e persistência para encarar os desafios de sua compreensão:

Ler é uma operação inteligente, difícil, exigente, mas gratificante. Ninguém lê ou estuda autenticamente se não assume, diante do texto ou do objeto da curiosidade a forma crítica de ser ou de estar sendo sujeito da curiosidade, sujeito da leitura, sujeito do processo de conhecer em que se acha. ler é procurar ou buscar criar a compreensão do lido; [...] (FREIRE, 1997, p. 20)

Dentro dessa formação, a leitura não está desvinculada da escrita, sendo processos que precisam ser desenvolvidos juntos. Aprender a ler está diretamente ligado a aprender a escrever, escrever nossos próprios discursos dentro de um contexto de mundo. Assim, “[...] sem ler e sem escrever, não se pode estudar, buscar conhecer, apreender a substantividade do objeto, reconhecer criticamente a razão de ser do objeto.” (FREIRE, 1997, p. 25).

Dessa forma, chega-se ao ponto fundamental da importância de ler e escrever dentro da nossa cultura letrada, pois estes são processos fundamentais para que seja possível estudar e aprender qualquer tema sobre as coisas do mundo. Para Freire, “Estudar é desocultar, é ganhar a compreensão mais exata do objeto, é perceber suas relações com outros objetos. Implica que o estudioso, sujeito do estudo, se arrisque, se aventure, sem o que não cria nem recria.” (FREIRE, 1997, p. 23)

Portanto, antes mesmo de falar sobre letramento digital, é fundamental entender o contexto socioeconômico e cultural no qual estamos inseridos e quais são os impactos provocados por tal cenário. Nesse sentido, primeiramente é preciso refletir sobre as questões que envolvem o letramento e a alfabetização de modo geral, considerando que vivemos em um País bastante heterogêneo — ao mesmo tempo que tem pessoas altamente letradas e com acesso a tecnologias de ponta, também tem grande parte da população com altos índices de analfabetismo e com pouco ou nenhum acesso a informações vindas de fontes confiáveis.

Uma matéria publicada em julho de 2020 pela Agência Brasil<sup>4</sup> revela que, embora o analfabetismo no Brasil tenha caído de 6,8%, em 2018, para 6,6% em 2019, ainda há uma marca de 11 milhões de analfabetos, ou seja, de acordo com o IBGE, são pessoas com mais de 15 anos que não conseguem ler e escrever ao menos um bilhete simples. Já uma matéria publicada pelo G1 em junho de 2021<sup>5</sup> apresenta dados indicando que nenhuma meta proposta pelo Plano Nacional de Educação (PNE), com prazo-limite para 2024, foi integralmente cumprida até aquela data, inclusive havendo retrocesso em algumas delas, as quais são: ofertar educação em tempo integral em metade das escolas do país; erradicar o analfabetismo absoluto e reduzir o analfabetismo funcional em 50%; ofertar ao menos 25% de vagas para a Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Somam-se às problemáticas já existentes envolvendo alfabetização e letramento no Brasil as novas questões trazidas pelo contexto da pandemia provocada pela COVID-19 e seus impactos no processo de democratização da educação e da comunicação, ou melhor dizendo, a falta dela.

Um estudo realizado pelo Unicef e pelo Cenpec Educação<sup>6</sup> apresenta dados alarmantes envolvendo a falta de acesso à educação no Brasil no período da pandemia. Segundo a pesquisa (UNICEF, CENPEC, 2021, p. 44), em novembro de 2020, final do ano letivo, 5.075.294 crianças e adolescentes de 6 a 17 anos estavam fora da escola ou sem atividades escolares (FIGURA 3), equivalente a 13,9% dessa parcela da população em todo Brasil, sendo os maiores percentuais registrados nas regiões Norte e Nordeste do País.

Ainda, os dados levantados pelo estudo revelam que a exclusão escolar no Brasil, a qual se agravou no contexto da pandemia, está fortemente associada a fatores envolvendo o tipo de região habitada, sexo, cor/raça e faixa de renda.

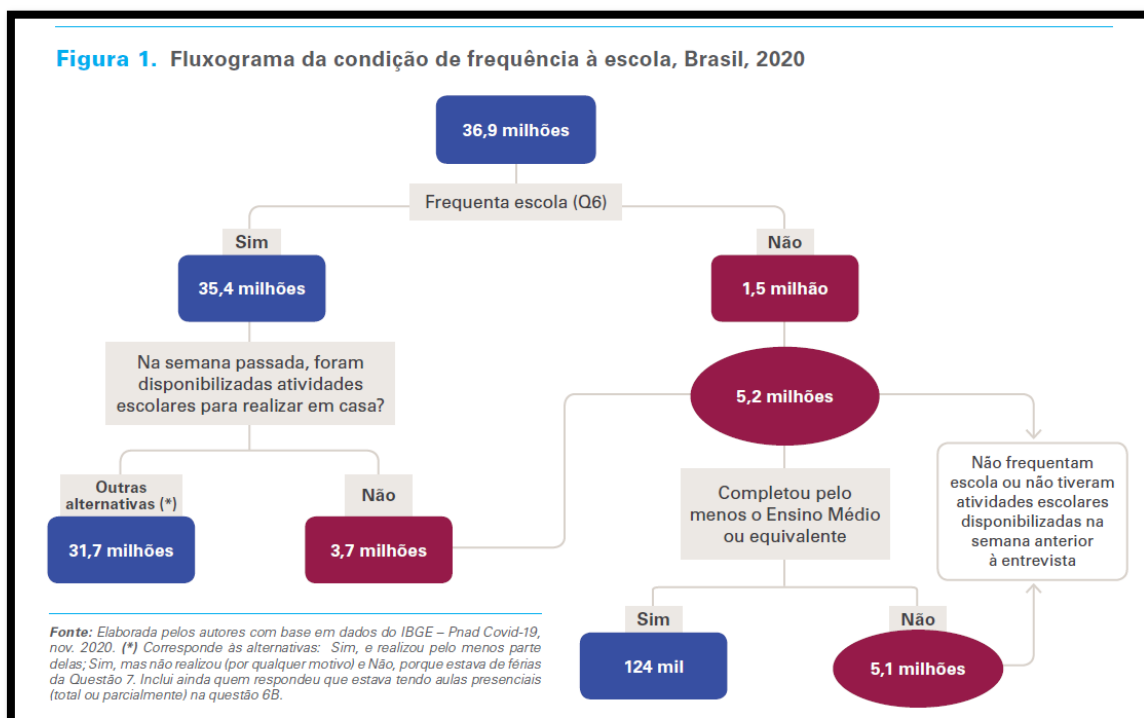
---

<sup>4</sup> Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2020-07/taxa-cai-levemente-mas-brasil-ainda-tem-11-milhoes-de-analfabetos>. Acesso em: 24 out. 2021.

<sup>5</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2021/06/24/brasil-regride-em-meta-para-acabar-com-o-analfabetismo-e-nao-alcanca-objetivo-de-investir-mais-na-educacao-diz-relatorio.ghtml>. Acesso em: 24 out. 2021.

<sup>6</sup> Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/relatorios/cenario-da-exclusao-escolar-no-brasil>. Acesso em: 14 jan. 2022.

**Figura 3 – Fluxograma da condição de frequência à escola**



Fonte: UNICEF Brasil, Cenpec Educação.

Por fim, as conclusões de tal estudo mostram que os alunos entrevistados, entre 6 e 17 anos, responderam não terem frequentado a escola no período da pandemia, ou que estavam frequentando às aulas, porém não tiveram atividades dadas na semana anterior à data da entrevista.

Respondentes de 3.672 municípios informaram sobre o ano letivo de 2020 e seus planejamentos para 2021. Para 22,9% dos municípios, o calendário letivo de 2020 foi reorganizado para 2021; em 7,2% dos municípios, o calendário 2020 estava em processo de reorganização e 69,8% informaram ter concluído o ano letivo de 2020. **As principais estratégias não presenciais adotadas pelas redes municipais foram o uso de materiais impressos (95,3%) e orientações pelo WhatsApp (92,9%).** A preparação para o ano de 2021, no momento das consultas, havia sido realizada e concluída por 26,4% das redes. (UNICEF, CENPEC, 2021, p. 51, grifos nossos)

A realidade brasileira apresentada pelo estudo em meio ao contexto da pandemia de coronavírus revela que, apesar das tentativas dos municípios de contornar os problemas devido ao isolamento e ao distanciamento social, por meio do ensino remoto e de materiais de apoio para os alunos, o acesso à educação se fez ainda mais precário, distanciando, em muitos casos, esses indivíduos do ensino como direito a todos.

Uma nota técnica apresentada pelo Todos pela Educação<sup>7</sup>, de fevereiro de 2022, elaborada com base na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua) de 2012 a 2021, ainda mostra que houve um aumento de mais de 1 milhão no número de crianças entre 6 e 7 anos não alfabetizadas durante o período da pandemia, de acordo com entrevista realizada com pais ou responsáveis, os quais alegam que seus filhos não estão aptos a ler e escrever. A disparidade analisada pelas respostas ainda é maior quando se comparam crianças brancas com negras e pardas, assim como crianças que vivem em melhores condições econômicas em relação àquelas mais pobres.

Quase uma semana depois da publicação do Todos pela Educação, o Uol<sup>8</sup> ainda divulgou uma pesquisa realizada pelo Datafolha, a qual apresenta dados indicando que, após o ensino remoto, mais de 76% dos estudantes brasileiros em fase de alfabetização precisarão de algum tipo de reforço. Vale destacar ainda que, de acordo com a percepção dos pais, 71% alega a necessidade de reforço para o aprendizado envolvendo a disciplina de Matemática e 70% para disciplina de Língua Portuguesa.

Agora ainda mais é preciso que sejam criadas novas políticas públicas para que a população tenha o devido acesso às tecnologias digitais, bem como o respaldo necessário para saber usá-las com responsabilidade e cidadania, enquanto também se deve continuar a busca por sanar os velhos problemas relacionados à educação, como a evasão escolar e o acesso a um ensino de qualidade para todos.

[...] Ao passo que o desenvolvimento das tecnologias digitais cresce em ritmo vertiginoso, não se pode afirmar o mesmo sobre seu uso na educação em geral. Muitos são os exemplos de trabalhos educacionais bem-sucedidos, mas em uma proporção muito menor que o atual desenvolvimento tecnológico, em parte por falta de recursos econômicos, de gestão e de políticas públicas, mas também, e principalmente, por falta de interesse de muitos – incluindo gestores, educadores e até estudantes – em acompanhar essa mudança irreversível dos tempos globais, de grande velocidade e espaço desterritorializado. (CONSANI & CURY, 2019, p. 81-82)

Nesse sentido, a Educomunicação se faz presente com a proposta de buscar combater tais desigualdades sociais, levando luz a tais problemáticas e dando subsídios, usando a própria mídia como suporte, para que grupos menos favorecidos possam usar a comunicação

---

<sup>7</sup> Disponível em: <https://todospelaeducacao.org.br/noticias/aumenta-em-1-milhao-o-numero-de-criancas-de-6-e-7-anos-que-nao-sabem-ler-e-escrever/>. Acesso em: 12 fev. 2022.

<sup>8</sup> Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/noticias/2022/02/14/datafolha-educacao-reforco-alfabetizacao-pandemia-covid-aulas-presenciais.htm>. Acesso em: 20 fev. 2022.

democraticamente, por meio da leitura crítica da mídia, por exemplo, em busca de uma mudança social mais justa.

### **3.2. Letramento digital, mídia e educação**

Considerando os pontos levantados até aqui, é possível então partir para o conceito de letramento digital propriamente dito. Segundo Richard Romancini (2019, s/p), o letramento digital pode ser definido como:

[...] a capacidade de ler/escrever com as novas mídias. Isso envolve uma série de questões instigantes. Porém, é importante reforçar que não há contraposição entre o letramento focado na leitura e na escrita e os novos letramentos: a relação é de sobreposição e hibridismos, principalmente de prolongamento. Por exemplo, ao entrar numa conta de e-mail para criar uma mensagem, utilizamos a leitura e a escrita, que, agora, ocupam também o espaço digital.

Falar de letramento digital, portanto, é abordar diferentes dimensões, entre elas, a própria dimensão digital, cujas novas práticas de letramento originadas pela cultura letrada digital propõem seu uso no próprio ambiente virtual.

Mas também é pensar em outras dimensões, como as: pedagógica, cultural e política. A dimensão pedagógica discute a alfabetização e o ensino da leitura e da escrita na escola; já a dimensão cultural considera as práticas de leitura e escrita, dentro e fora da escola, como expressões da cultura; por fim, a dimensão política estimula o debate sobre políticas públicas relacionadas ao letramento e à formação de leitores no Brasil:

Está aí a essência dos novos letramentos e dos letramentos digitais: ser um indivíduo plenamente participante, um cidadão apto a aproveitar e criar oportunidades no mundo atual implica estabelecer novas formas de comunicação. Tais modalidades, por sua vez, demandam novos aprendizados, habilidades e competências. (ROMANCINI, 2019, s/p)

Nesse contexto, temos ainda a chamada Alfabetização Midiática e Informacional (AMI), a qual é vista pela UNESCO (2013, p. 20) como uma possibilidade de aprimorar a capacidade de os indivíduos usufruírem plenamente de seus direitos humanos fundamentais, os quais estão expressos na Declaração Universal de Direitos Humanos<sup>9</sup>. Assim, os benefícios oferecidos pela AMI são descritos pela UNESCO como:

---

<sup>9</sup> ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Declaração Universal dos Direitos Humanos. New York: ONU, 1948. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000139423>. Acesso em 23 jan. 2022.

1. no processo de ensino e aprendizagem, equipa os professores com um conhecimento aprimorado que contribuirá com o empoderamento dos futuros cidadãos;
2. a alfabetização midiática e informacional transmite conhecimentos cruciais sobre as funções das mídias e dos canais de informação nas sociedades democráticas. Além disso, fornece uma compreensão razoável sobre as condições necessárias para cumprir essas funções efetivamente e as habilidades requeridas para avaliar o desempenho das mídias e dos provedores de informação à luz das funções esperadas;
3. uma sociedade alfabetizada em mídia e informação promove o desenvolvimento de mídias livres, independentes e pluralistas, e de sistemas abertos de informação. (UNESCO, 2013, p. 20)

Para que tais benefícios sejam alcançados, entretanto, a UNESCO propõe que sejam seguidos alguns critérios:

1. a alfabetização midiática e informacional deve ser considerada como um todo e deve incluir uma combinação de competências (conhecimentos, habilidades e atitudes);
2. o currículo da AMI deve permitir que os professores ensinem a alfabetização midiática e informacional aos alunos com o objetivo de prover-lhes as ferramentas essenciais para que eles possam engajar-se junto às mídias e aos canais de informação como jovens cidadãos autônomos e racionais;
3. os cidadãos devem ter conhecimentos sobre a localização e o consumo de informações, bem como sobre a produção de informações;
4. as mulheres, os homens e os grupos marginalizados, como as pessoas com deficiências, os povos indígenas ou as minorias étnicas, devem ter acesso igualitário à informação e ao conhecimento;
5. a AMI deve ser vista como uma ferramenta essencial para facilitar o diálogo intercultural, a compreensão mútua e a compreensão cultural entre os povos. (UNESCO, 2013, p. 20)

A AMI ainda pode ser entendida conforme descrito pelo *Currículo Alfamed de formação de professores em educação midiática AMI (Alfabetização midiática e informacional) na era pós-COVID-19*:

A alfabetização midiática e informacional (AMI) é apresentada como um modelo de formação dos cidadãos para promover o acesso equitativo à informação e ao conhecimento, promover sistemas de informação inclusivos e democráticos, tomar decisões e resolver problemas em diferentes áreas da vida. Além disso, a AMI desenvolve uma série de competências para que as pessoas possam acessar, compreender, analisar, avaliar e comunicar informações e mensagens midiáticas, de modo que um indivíduo alfabetizado seja crítico para com os conteúdos com os quais interage, conte com os seus conhecimentos para criar mensagens e esteja em condições de compartilhá-los de forma relevante no domínio público. O AMI refere-se, portanto, ao conjunto de competências e atitudes que permitem aos cidadãos interagir com os meios de comunicação e também com outros fornecedores de informação. (AGUAMED, 2020, p. 19)

Os conceitos propostos pela AMI, entretanto, podem levar a um ensino mais tecnicista, no qual a internet e a mídia são ferramentas a serem ensinadas para a comunicação social, bem como para se aplicar ao mercado de trabalho. Por outro lado, as novas tecnologias da comunicação, o letramento digital e a educação para as mídias têm um papel mais complexo na formação cidadã, na medida em que elas colaboram para a construção de uma sociedade mais participativa, crítica e democrática. Como propõe o disposto na 5ª competência geral da Educação Básica, apresentada pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), publicada em 2018, cabem aos alunos:

5. Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação **de forma crítica, significativa, reflexiva e ética** nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) **para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.** (MEC, 2018, p. 9, grifos nossos)

Esta versão da BNCC, portanto, tem como objetivo enfatizar a importância das diferentes linguagens e como o aluno deve ser levado a desenvolver certas habilidades necessárias para dominar tais linguagens como mecanismo de inclusão e maior participação na sociedade. Espera-se que ele compreenda e produza mídia ativamente, por meio da leitura crítica bem como da liberdade de expressão por meio da comunicação — escrita, oral, audiovisual e artística. Daí, então, que a BNCC fala em letramentos, no plural, quando aborda a disciplina de Língua Portuguesa no currículo:

Ao componente Língua Portuguesa cabe, então, proporcionar aos estudantes experiências que contribuam para **a ampliação dos letramentos**, de forma a possibilitar a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais permeadas/constituídas pela oralidade, pela escrita e por outras linguagens. (MEC, 2018, p. 67-68, grifos nossos)

As práticas de ensino voltadas aos multiletramentos são incentivadas pela BNCC como forma de comunicação democrática, dando oportunidade para que os alunos não somente saibam ler e interpretar as diferentes linguagens, como também sejam capazes de produzi-las, dentro e fora do ambiente digital.

As práticas de linguagem contemporâneas não só envolvem novos gêneros e textos cada vez mais multissemióticos e multimidiáticos, como também novas formas de produzir, de configurar, de disponibilizar, de replicar e de interagir. As novas ferramentas de edição de textos, áudios, fotos, vídeos tornam acessíveis a qualquer um a produção e disponibilização de textos multissemióticos nas redes sociais e outros

ambientes da Web. [...] Em tese, a Web é democrática: todos podem acessá-la e alimentá-la continuamente. (MEC, 2018, p. 68)

À escola, portanto, se coloca o desafio de lidar com esses múltiplos letramentos no contexto das novas tecnologias da comunicação, para que seja feito um uso consciente destas perante a sociedade:

Eis, então, a demanda que se coloca para a escola: contemplar de forma crítica essas novas práticas de linguagem e produções, não só na perspectiva de atender às muitas demandas sociais que convergem para um uso qualificado e ético das TDIC – necessário para o mundo do trabalho, para estudar, para a vida cotidiana etc. –, mas de também fomentar o debate e outras demandas sociais que cercam essas práticas e usos. É preciso saber reconhecer os discursos de ódio, refletir sobre os limites entre liberdade de expressão e ataque a direitos, aprender a debater ideias, considerando posições e argumentos contrários. (MEC, 2018, p. 69)

A BNCC ainda se refere a um “designer” como possível denominação para descrever os usuários dessas múltiplas linguagens proporcionadas pelas novas tecnologias da comunicação, associado ao conceito de multiletramentos, como também à criatividade nesse processo de dar significado para essas diferentes linguagens que mesclam o digital com as outras formas de linguagem:

Essa consideração dos novos e multiletramentos; e das práticas da cultura digital no currículo não contribui somente para que uma participação mais efetiva e crítica nas práticas contemporâneas de linguagem por parte dos estudantes possa ter lugar, mas permite também que se possa ter em mente mais do que um “usuário da língua/das linguagens”, na direção do que alguns autores vão denominar de designer: alguém que toma algo que já existe (inclusive textos escritos), mescla, remixa, transforma, redistribui, produzindo novos sentidos, processo que alguns autores associam à criatividade. Parte do sentido de criatividade em circulação nos dias atuais (“economias criativas”, “cidades criativas” etc.) tem algum tipo de relação com esses fenômenos de reciclagem, mistura, apropriação e redistribuição. (MEC, 2018, p. 70)

Nesse sentido, ensinar é uma tarefa complexa, pois é preciso, primeiramente ensinar a ler e a escrever, ou seja, alfabetizar, para que depois seja possível se aprofundar em um ensino que vise à construção de um pensamento crítico por meio da análise das múltiplas linguagens presentes em nosso cotidiano. Sobre o tema, Magda Soares (2002, p. 146) diz que:

[...] É, assim, um momento privilegiado para, na ocasião mesma em que essas novas práticas de leitura e de escrita estão sendo introduzidas, captar o estado ou condição que estão instituindo: um momento privilegiado para identificar se as práticas de leitura e de escrita digitais, o letramento na cibercultura, conduzem a um estado ou condição diferente daquele a que conduzem as práticas de leitura e de escrita quirográficas e tipográficas,<sup>4</sup> o letramento na cultura do papel. Uma compreensão

mais clara deste último pode advir de seu confronto e contraste com o primeiro, replicando, em sentido inverso, Ong (1986), quando busca compreender o letramento pela via de seu confronto e contraste com a cultura oral.

Magda Soares (2002, p. 155) ainda reforça a importância de se desenvolver novas habilidades de leitura e escrita, considerando o contexto das mídias digitais:

Pode-se concluir que não é só este novo espaço de escrita que é a tela que gera um novo letramento, para isso também contribuem os mecanismos de produção, reprodução e difusão da escrita e da leitura. Segundo Eco (1996), os eventos de letramento que ocorrem com a intermediação da Internet exigem novas práticas e novas habilidades de leitura e de escrita: “We need a new form of critical competence, an as yet unknown art of selection and decimation of information, in short, a new wisdom” (Precisamos de uma nova forma de competência crítica, uma ainda desconhecida arte de seleção e eliminação de informação, em síntese, uma nova sabedoria).

Daí, então, a importância da formação do professor, o qual tem uma responsabilidade ética em estar preparado para ensinar, o que exige uma formação permanente de quem ensina, que, conseqüentemente, também aprende. Um professor crítico/reflexivo, portanto, é capaz de transformar o contexto escolar, pois é partir das habilidades bem desenvolvidas de ler, escrever e estudar que são aplicadas nas leituras de mundo, sendo capazes de analisá-lo criticamente (leitura social). Ensinar a ler, o mundo principalmente, segundo Freire, é também “engajar-se numa experiência criativa em torno da compreensão.” (FREIRE, 1997, p. 20).

Corroborando os preceitos de Freire, podemos destacar ainda os estudos culturais descritos por Ismar Soares (2016, p. 28) como um aspecto importante a se considerar no campo da educação midiática:

Além da problematização das resistências populares os estudos culturais se interessam pelas novas dinâmicas desencadeadas pela mídia de massa e oferecem um questionamento ao conceito canônico, erudito e elitista de cultura. Isso se dá com o despertar da televisão. Assim, os estudos culturais produzem grande número de pesquisas e reflexões sobre o campo da comunicação e da cultura, os quais são fundamentais para o debate sobre a mídia e educação.

Ainda, não é possível pensar em educação midiática sem falar de emissão e recepção de informação. Cabe frisar que não nos referimos aos primeiros modelos de comunicação que entendiam emissão e recepção com base em modelo unidirecional. Ao contrário, consideramos que a comunicação é algo que se compartilha e que produz por meio da produção de sentidos entre seres sociais socio-historicamente construídos. Quando se trata de um mundo globalizado, o sistema comunicacional se faz ainda mais rizomático, permitindo um longo alcance. Entretanto, é por meio da cultura e da comunicação democrática que podemos chegar a um

conhecimento que não é cego e ilusório, como diz Morin (2000, p. 19), bem como ao respeito às diferenças.

Precisamos identificar como a recepção ativa as competências culturais que se constituem em formas de respostas que emergem do tecido social e que estão em relação dialética com os modos de endereçamento realizados tanto pelos autores como – no caso da televisão – pelos produtores. Trata-se de um movimento amplo que se desenrola na temporalidade da vida social. De fato, não existe comunicação sem resposta. Assim como não existe recepção muda.

Se comunicação é o compartilhar de significados, precisamos indagar sobre as formas de resposta que o público oferece e como estas são solicitadas pelos autores e produtores e incorporadas pela produção. Assim eu acredito que estaremos avançando em uma visão integral, uma visão global de comunicação, a partir da cultura. (SOARES, 2016, p. 32-33)

A escola tradicional pautada em um ensino “bancário” (FREIRE, 1996, p. 13) há muito tempo não se adapta às transformações pelas quais a sociedade vem passando. Cabe dizer que tornar os indivíduos cada vez mais participativos dentro desse processo de mudanças no contexto da comunicação possibilita uma formação que integre o domínio das linguagens a uma consciência social.

Diante dos desafios e demandas do século XXI, faz-se necessário uma escola mais ativa, crítica e sintonizada com seu tempo, espaço e sujeitos. As Mídias, TIC’s, Comunicação dentro deste contexto é condição sine qua non e deverá desempenhar um papel mais do que aporte ou apoio pedagógico de determinadas disciplinas ou atividades específicas. Pelo contrário. Deverão ter uma dimensão estratégica para que criança, jovem, adulto e idoso no processo de entendimento da produção, criação, consumo, circulação e recepção dos bens simbólicos (sonhos, afetos, relações, a pensar, a refletir, a agir em situações, coletivas, individuais, políticas, profissionais etc., cotidianamente.) (SOARES, 2016, p. 66)

Corroborando tais ideias, a BNCC ainda reforça a importância da diversidade cultural no processo de ensino-aprendizagem:

Da mesma maneira, imbricada à questão dos multiletramentos, essa proposta considera, como uma de suas premissas, a diversidade cultural. Sem aderir a um raciocínio classificatório reducionista, que desconsidera as hibridizações, apropriações e mesclas, é importante contemplar o cânone, o marginal, o culto, o popular, a cultura de massa, a cultura das mídias, a cultura digital, as culturas infantis e juvenis, de forma a garantir uma ampliação de repertório e uma interação e trato com o diferente. (MEC, 2018, p. 70)

A educação midiática, portanto, deve desempenhar um papel estratégico dentro do ensino, servindo não somente como ferramenta a qual dá suporte para os mesmos modelos tradicionais, mas sim como integração de um novo modelo de aprendizagem, o qual se apropria das novas tecnologias da comunicação para expandir o conhecimento como repertório a tornar cidadãos mais críticos e vinculados à sua própria cultura. A área de Educomunicação visa a construir esses mesmos propósitos em seus campos de pesquisa e formação, e é nesse caminho que este trabalho se propôs a analisar o objeto de estudo apresentado a seguir.

## 4. O MATERIAL ANALISADO: TRILHAS DE APRENDIZAGENS

*“São tempos diferentes, nos quais devemos aprender a aprender de outras maneiras, a ensinar usando novos recursos, a nos relacionar utilizando estratégias diversas.”*

*(Trilhas de Aprendizagens:  
Ensino Médio. Vol.1, 2020, p.11)*

### 4.1. Trilhas de aprendizagens

As *Trilhas de Aprendizagens*<sup>10</sup> são uma sequência de materiais didáticos para o Ensino Básico oferecida pela Secretaria Municipal de Educação de São Paulo (SME-SP), e elaborada pelos educadores desta, como atividades de apoio e complementares a serem desenvolvidas no contexto de ensino remoto emergencial devido à pandemia provocada pela COVID-19.

Respeitando o conteúdo previsto pelo Currículo da Cidade de São Paulo<sup>11</sup>, os cadernos foram enviados em versões impressas às famílias, e também disponibilizados no site da SME<sup>12</sup> (FIGURA 4), com o objetivo de que os alunos que fazem parte da rede de escolas municipais de São Paulo pudessem acompanhar o material com autonomia e/ou com a ajuda de seus familiares, bem como com o auxílio de pesquisas feitas pela internet.

---

10 Disponível em: <https://educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br/trilhas-de-aprendizagens/>. Acesso em: 30 out. 2021.

11 Disponível em: <https://educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br/apresentacao-do-curriculo-da-cidade/>. Acesso em: 28 nov. 2021.

12 Disponível em: <https://educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br/trilhas-de-aprendizagens/>. Acesso em: 30 out. 2021.

**Figura 4 – Tela inicial de acesso às Trilhas de Aprendizagens**



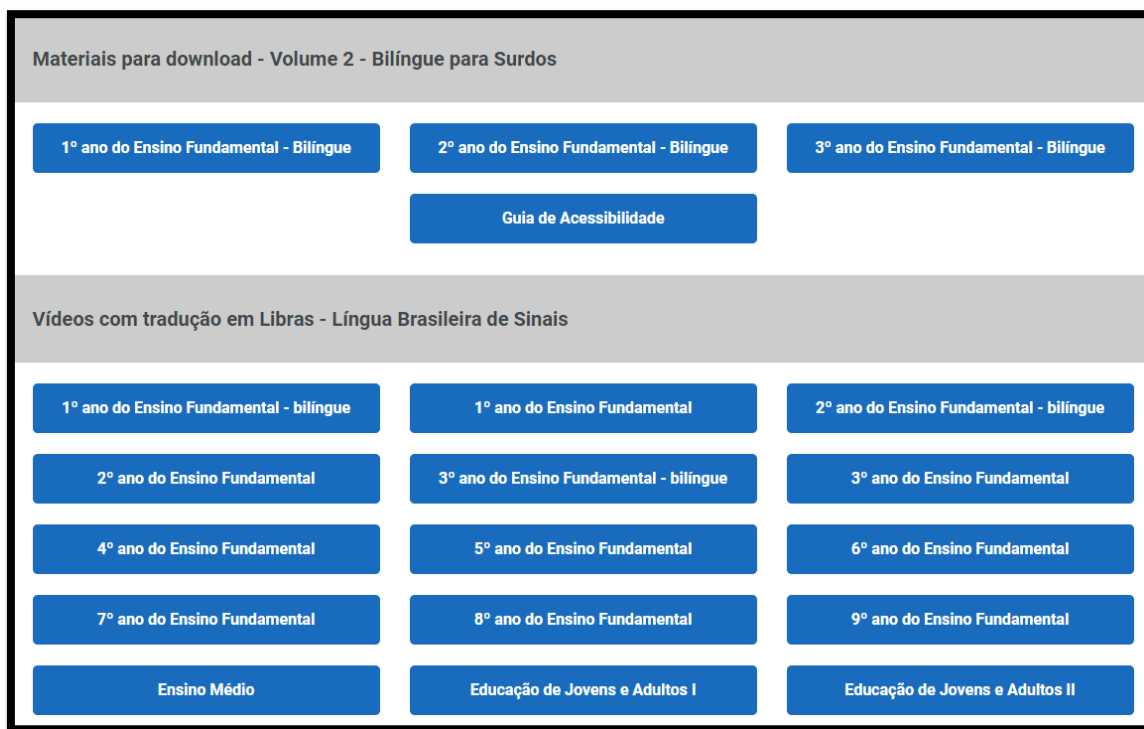
*Fonte: SME – Portal Institucional.*

O material é composto por dois volumes divididos para cada segmento:

- Educação Infantil (de 0 a 3 anos);
- Educação Infantil (de 4 a 5 anos);
- 1º ano do Ensino Fundamental;
- 2º ano do Ensino Fundamental;
- 3º ano do Ensino Fundamental;
- 4º ano do Ensino Fundamental;
- 5º ano do Ensino Fundamental;
- 6º ano do Ensino Fundamental;
- 7º ano do Ensino Fundamental;
- 8º ano do Ensino Fundamental;
- 9º ano do Ensino Fundamental;
- Ensino Médio;
- Educação de Jovens e Adultos I; e
- Educação de Jovens e Adultos II.

Ainda há uma versão bilíngue para surdos, um Guia de Acessibilidade e alguns vídeos com tradução em Libras, os quais podem ser acessados pela plataforma do YouTube<sup>13</sup> (FIGURA 5).

**Figura 5 – Página para download dos materiais em Libras**



*Fonte: SME – Portal Institucional.*

Esses materiais podem ser enquadrados no quesito referente ao respeito à diversidade também no âmbito da linguagem, como previsto na BNCC de 2018:

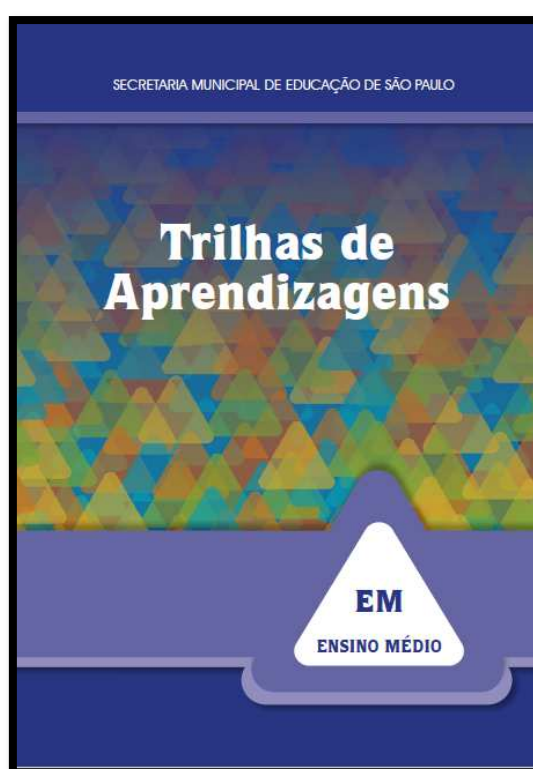
No Brasil com a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, oficializou-se também a Língua Brasileira de Sinais (Libras), tornando possível, em âmbito nacional, realizar discussões relacionadas à necessidade do respeito às particularidades linguísticas da comunidade surda e do uso dessa língua nos ambientes escolares. (MEC, 2018, p. 70)

Os materiais destinados ao Ensino Médio (FIGURA 6), foco desta análise, são compostos por: uma carta de boas-vindas aos estudantes; um guia com dicas para a realização das atividades propostas e um capítulo de apresentação comum a todas as disciplinas. As

<sup>13</sup> ESTUDANTE SMESP. Trilhas de Aprendizagens - 1º Ano Bilíngue - Ensino Fundamental. Youtube, atualizado em 20 out. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/playlist?list=PLhGbFbwpNPb4H2yRUmEiirpUTOGDTRqXo>. Acesso em: 30 out. 2021.

disciplinas para o Ensino Médio, por sua vez, são divididas em grandes áreas — Linguagens e suas Tecnologias; Matemática e suas Tecnologias; Ciências da Natureza e suas Tecnologias; Ciências Humanas e Sociais Aplicadas — nas quais são propostas atividades voltadas para atualidade e cotidiano dos jovens mescladas aos conteúdos curriculares de base. Ao final do volume 1 do Ensino Médio ainda há um capítulo de encerramento chamado “Aprofundando os conhecimentos”, no qual são feitas indicações de conteúdos extras para cada disciplina, como textos, músicas e notícias relacionados a cada atividade.

**Figura 6 – Trilhas de Aprendizagens para o Ensino Médio**



*Fonte: SME – Portal Institucional.*

#### **4.2. Carta aos estudantes**

A carta destinada aos estudantes do Ensino Médio (ANEXO 1), assinada pelo Secretário Municipal da Educação, Bruno Caetano, propõe-se a incentivar a continuidade dos estudos mesmo no contexto da pandemia. Nela, há uma breve descrição sobre o material, a importância de se retomar as tarefas escolares, de maneira independente ou com a ajuda de familiares e

amigos, bem como da necessidade de uma organização diária para que haja uma rotina de execução das atividades.

#### **4.3. Dicas para realização das atividades**

A seção (SME, v.1, 2020, p. 5-6) é destinada a orientar pais, responsáveis ou demais familiares encarregados de ajudar com as tarefas escolares. Nela, há recomendações de uso do material para situações de aprendizado voltadas para crianças com surdez, cegueira ou baixa visão, autismo, deficiência intelectual ou com altas habilidades/superdotação. Tais orientações envolvem processos de como proceder com os registros das atividades feitas por estes alunos, indicações de brincadeiras e vídeos com tradução em Libras, por exemplo; e, ainda, recomendações de sites com recursos de acessibilidade.

#### **4.4. Apresentação do material**

Logo após o sumário, há um breve texto (SME, v.1, 2020, p. 9) em que é apresentada a proposta do material para o Ensino Médio (FIGURA 7). A apresentação se dá em um tom de diálogo ao perguntar como o leitor/aluno está após a suspensão das aulas, se está mantendo contato com amigos da escola, tendo ajuda dos familiares e se está conseguindo manter uma organização para dar continuidade aos estudos.

A partir dessa conversa inicial, o material se propõe a dar dicas e recomendações para que o aluno consiga manter sua rotina escolar mesmo no contexto da pandemia. Ainda aponta os princípios de educação integral, equidade e educação inclusiva, os quais fundamentam o Currículo da Cidade e, conseqüentemente, o material didático proposto.

Vale ainda destacar que a estrutura do material apresentado deixa claro que não pretende seguir especificamente uma divisão de série e ano, buscando trazer as disciplinas de maneira transversal como um apoio adicional ao planejamento anual docente, respeitando o projeto político pedagógico de cada escola.

Figura 7 – Capítulo inicial de apresentação do material

ENSINO MÉDIO

## APRESENTAÇÃO

Olá

Você deve estar observando novidades na sua rotina. Cada um de nós está apoiando seus familiares e amigos para que juntos atravessemos este momento conturbado. Como anda o seu dia a dia depois que as aulas foram suspensas? Você segue conversando com seus amigos por mensagem? E quanto aos estudos, como você está se organizando?

Criamos este documento para compartilhar sugestões e trazer ideias para a sua organização neste momento em que estamos sem aulas presenciais, a fim de que possamos trabalhar juntos, apesar da distância imposta pelo COVID-19.

São tempos diferentes, nos quais devemos aprender a aprender de outras maneiras, a ensinar usando novos recursos, a nos relacionar utilizando estratégias diversas.

Este caderno é um ponto de partida. Em sua confecção, foram considerados os princípios norteadores do Currículo da Cidade:

**Educação Integral:** o propósito essencial é promover o seu desenvolvimento integral como estudante, considerando as dimensões intelectual, social, emocional, física e cultural. É um material que possibilita a você o contato com a realidade que o cerca, mobilizando conhecimentos que podem contribuir tanto para a sua segurança física e emocional quanto para a de seus familiares.

**Equidade:** todos os estudantes são sujeitos íntegros, potentes, autônomos e capazes de aprender, desde que sejam consideradas suas características e seu contexto, e que os objetos de conhecimento tenham significado para suas vidas. Leva em consideração as diferentes realidades que, possivelmente, estão sendo vivenciadas por você na atual configuração social: quarentena e alteração da rotina familiar.

**Educação Inclusiva:** respeitar e valorizar a diversidade e a diferença, reconhecendo o modo de ser, de pensar e de aprender de cada estudante, proporcionando a você experiências educativas que possam ser desenvolvidas por todos.

O material foi arquitetado de maneira única, rompendo temporariamente a divisão por ano/série. É independente e busca não entrar em conflito com o planejamento anual docente ou com o Projeto Político-Pedagógico de sua escola. Apresenta conhecimentos que se articulam de maneira transversal, transpondo, em alguns momentos, as fronteiras disciplinares.

Vai exigir de você certa autonomia para ler, interpretar, extrapolar e refletir sobre a realidade atual, para que, posteriormente, possa discutir o que aprendeu com os professores de sua escola.

Participe, colabore, realize as atividades propostas. Vamos, juntos, vencer mais este desafio.

Contamos com você!

SME - Coordenadoria Pedagógica

Fonte: SME – Portal Institucional.

## 4.5. Aprendendo a aprender

O capítulo “Aprendendo a aprender” (SME, v.1, 2020, p. 10) voltado ao Ensino Médio reforça a importância de dar sequência às atividades escolares mesmo no período da pandemia, apresentando dez motivos para continuar os estudos (FIGURA 8), quais sejam:

**Figura 8 – 10 motivos pelos quais os alunos devem estudar durante a pandemia**

10 APRESENTAÇÃO

**APRENDENDO A APRENDER – ENSINO MÉDIO**

Mas quais motivos poderiam te levar a continuar seus estudos durante este período?

**10 MOTIVOS PARA VOCÊ ESTUDAR DURANTE O PERÍODO DE SUSPENSÃO DAS AULAS:**

1. Preparar-se para tomar melhores decisões.
2. Preparar-se para prosseguir seus estudos na Universidade.
3. Aprender a ler, a ouvir ou a assistir às notícias e formular suas próprias opiniões.
4. Planejar sua carreira profissional.
5. Viver em condições melhores.
6. Compreender as novas tecnologias.
7. Ter coisas interessantes para falar em uma roda de conversa.
8. Estimular a imaginação e desenvolver a criatividade.
9. Conhecer outras culturas e línguas.
10. Falar melhor em público e escrever bem.

Consegue pensar em outros? Que tal completar esta lista com mais três bons motivos?

1. \_\_\_\_\_
2. \_\_\_\_\_
3. \_\_\_\_\_

Viu? São inúmeros os motivos para você continuar estudando em casa!  
E, para que seus momentos de estudo sejam eficientes e prazerosos, é importante saber como organizá-los e quais estratégias seguir.

*Fonte: SME – Portal Institucional.*

Ainda, a seção incentiva o estudante a complementar os motivos apresentados, inserindo outros que ele considera importante para o seu percurso escolar. Outro ponto a destacar nesta seção apresentada pelas *Trilhas de Aprendizagens* é o foco em ensinar a/o aluna/o a organizar sua rotina de estudos, estimulando-o a buscar alternativas para consolidar os conhecimentos adquiridos, por meio de resumos, mapas mentais, listas de exercícios, falando em voz alta ou explicando o que aprendeu para um amigo, fazendo um vídeo etc. O material incentiva a/o

aluna/o a aprimorar suas estratégias de aprendizagem de maneira autônoma, bem como sugere que haja diálogo, usando o telefone e/ou as redes sociais, entre os colegas de turma para que eles se ajudem nesse processo, também estimulando o sentimento de coletividade e sociabilidade, mesmo no contexto de isolamento social. Neste mesmo capítulo, há uma parte na qual se explica o que são metas e como torná-las possíveis de serem alcançadas.

A importância da organização e do controle das tarefas a serem realizadas no processo de aprendizado é reforçada pela BNCC, com o objetivo de preparar o aluno que está cursando o Ensino Médio para diferentes situações da vida adulta:

[...] é fundamental que sejam garantidas aos estudantes oportunidades de experienciar fazeres cada vez mais próximos das práticas da vida acadêmica, profissional, pública, cultural e pessoal e situações que demandem a articulação de conhecimentos, o planejamento de ações, a auto-organização e a negociação em relação a metas. Tais oportunidades também devem ser orientadas para a criação e o encontro com o inusitado, com vistas a ampliar os horizontes éticos e estéticos dos estudantes. (MEC, 2018, p. 486)

Segundo as *Trilhas de Aprendizagens* (SME, v.1, 2020, p. 12), uma meta deve ser específica, mensurável, alcançável, relevante e com uma data predeterminada para seu alcance, mostrando ao aluno a importância do planejamento dos estudos, preparando-o já para a organização de sua vida acadêmica. O material ainda disponibiliza exemplos e modelos para ajudar nessa tarefa (FIGURAS 9-10).

**Figura 9 – Atividade “Pisando firme”**

<b>ATIVIDADE: PISANDO FIRME – O QUE E QUANDO FAZER?</b>				
As metas têm o poder da visualização em ação e de previsão de quando elas serão concluídas por você. Por esse motivo, você vai precisar detalhá-las ao máximo:				
<b>OBJETIVO</b>	<b>METAS</b>	<b>AÇÃO O que fazer?</b>	<b>PRAZO Quando fazer?</b>	<b>INDICADORES Medidas para checar se está dando certo.</b>
	Meta 1			
	Meta 2			
	Meta 3			

Fonte: SME – Portal Institucional.

**Figura 10 – Exemplo de como preencher as metas de estudos**

ENSINO MÉDIO				
13				
OBJETIVO	METAS	AÇÃO O que fazer?	PRAZO Quando fazer?	INDICADORES Medidas para checar se está dando certo.
Continuar aprendendo mesmo com a suspensão das aulas.	Estudar as disciplinas seguindo o cronograma de estudos e ponderando o tempo de estudos de acordo com as minhas necessidades de aprendizagem.	Criar um cronograma de estudos para todas as disciplinas.	Dia 10/04/2020	Cronograma finalizado e em mãos dentro do prazo.
		Realizar as atividades enviadas para fazer em casa.	Terminar até 17/04/2020	Atividades finalizadas.
		Estudar de acordo com o cronograma (assistir a videoaulas, ler o livro didático, pesquisar na internet, fazer atividades enviadas pelo professor, etc.).	Todos os dias, de acordo com o cronograma, das 8h às 13h	100% dos exercícios indicados realizados e conteúdos aprendidos.

*Fonte: SME – Portal Institucional.*

Como complementação, ainda há uma série de sugestões de como planejar os estudos no ambiente doméstico, envolvendo: planejar o que será feito; fazer as tarefas por etapas; definir um local para os estudos, preferencialmente tranquilo e sem interferências externas; ser ativo ao estudar; manter uma rotina com horários e pausas demarcadas; intercalar as disciplinas, evitando fazer de uma única vez a que mais ou menos gosta; manter o foco; refletir como chegou até a resposta; tirar dúvidas com familiares e colegas; e, por fim, há uma sugestão de usar a tecnologia como forma de aprendizado:

A internet e aplicativos podem ser utilizados para aprender, buscando fontes de informação confiáveis como plataformas educativas para tirar dúvidas ou aprofundar aprendizagens. A internet inclusive possui muitos materiais como vídeos, músicas e podcasts (arquivos de áudio sobre algum tema) para aprender de um jeito mais divertido. (SME, 2020, v.1, p.16)

Cabe ressaltar aqui a necessidade de letramento digital para atendimento dessa orientação, pois o texto menciona “informação confiável”, o que pressupõe um entendimento prévio do que seja esse confiável. Para isso, o material poderia ter dado mais subsídios,

acrescentando um capítulo ou item de como fazer pesquisas na internet acessando tais fontes, bem como dando indicações de sites com propostas educativas, incluindo o portal da própria SME.

A BNCC de 2018 reforça o uso das chamadas Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) no processo de ensino-aprendizagem, uma vez que elas fazem cada vez mais parte do cotidiano dos alunos, principalmente necessárias no contexto de ensino remoto emergencial:

Assim, propostas de trabalho que potencializem aos estudantes o acesso a saberes sobre o mundo digital e a práticas da cultura digital devem também ser priorizadas, já que, direta ou indiretamente, impactam seu dia a dia nos vários campos de atuação social e despertam seu interesse e sua identificação com as TDIC. Sua utilização na escola não só possibilita maior apropriação técnica e crítica desses recursos, como também é determinante para uma aprendizagem significativa e autônoma pelos estudantes. (MEC, 2018, p. 487)

Como orientações finais, há um *link* (SME, v.1, 2020, p. 14) para compartilhamento das atividades concluídas usando a internet como suporte (FIGURA 11).

### **Figura 11 – Link para compartilhamento das atividades concluídas**

**COMPARTILHANDO SUAS ATIVIDADES**

Você perceberá, ao longo deste documento, que foram criados diversos links para compartilhamento dos materiais que você produzir. São formulários intuitivos, fáceis de acessar pelo computador ou pelo celular. Mas, se você tiver dúvidas, acesse este link <https://tinyurl.com/qwolarz> e encontre um passo a passo de como fazê-lo.

**Bom trabalho!**

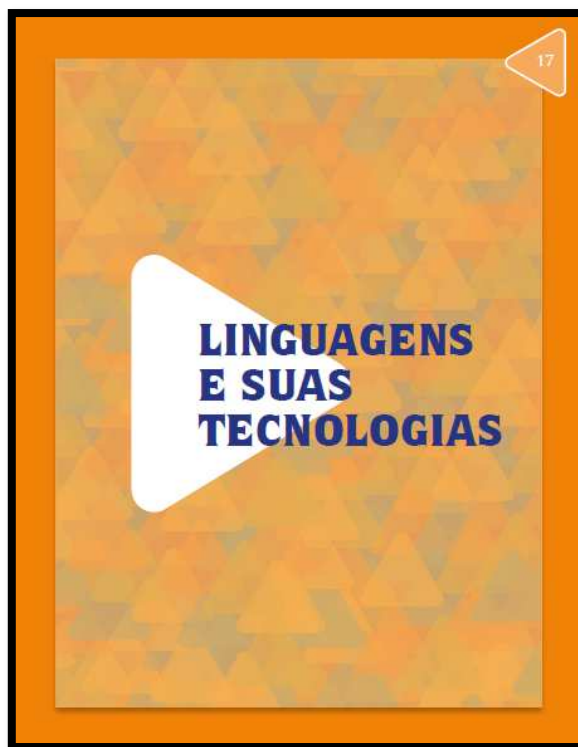
*Fonte: SME – Portal Institucional.*

Ainda há uma sugestão de tabela para que o aluno possa organizar sua rotina de atividades, na qual há um espaço para inserir o horário em que este vai se dedicar a cada módulo do material, assim como as metas e os prazos de execução para cada uma delas (ANEXO 2).

#### 4.6. Linguagens e suas tecnologias

A partir daí, cada capítulo se refere a uma disciplina, abrindo com o módulo “Linguagens e suas Tecnologias” (FIGURA 12).

**Figura 12 – Módulo de ensino “Linguagens e suas tecnologias”**



*Fonte: SME – Portal Institucional.*

Os segmentos previstos pelo material promovido pela SME convergem para as áreas propostas pela BNCC de 2018, apresentando as mesmas denominações. Sobre a área de Linguagens e suas Tecnologias, a qual é voltada para o Ensino Médio, o documento diz que:

A Base Nacional Comum Curricular da área de Linguagens e suas Tecnologias busca consolidar e ampliar as aprendizagens previstas na BNCC do Ensino Fundamental nos componentes Língua Portuguesa, Arte, Educação Física e Língua Inglesa – observada a garantia dos direitos linguísticos aos diferentes povos e grupos sociais brasileiros. Para tanto, prevê que os estudantes desenvolvam competências e habilidades que lhes possibilitem mobilizar e articular conhecimentos desses componentes simultaneamente a dimensões socioemocionais, em situações de aprendizagem que lhes sejam significativas e relevantes para sua formação integral. (MEC, 2018, p. 481)

Ainda há um claro incentivo ao aprendizado pautado nas diferentes mídias como processo social no desenvolvimento dos alunos para o exercício de cidadania e o mercado de trabalho, assim como no meio acadêmico.

Para orientar uma abordagem integrada dessas linguagens e de suas práticas, a área propõe que os estudantes possam **vivenciar experiências significativas com práticas de linguagem em diferentes mídias** (impressa, digital, analógica), situadas em **campos de atuação social** diversos, vinculados com o enriquecimento cultural próprio, as práticas cidadãs, o trabalho e a continuação dos estudos. (MEC, 2018, p. 485, grifos nossos)

A área de Linguagens e suas Tecnologias voltada ao Ensino Médio apresentada pela BNCC de 2018, nesse sentido, visa a formar cidadãos que saiam do ensino básico aptos a lidar com diferentes linguagens e discursos, seja no ambiente formal, seja no informal, dentro e fora do contexto acadêmico; da mesma maneira que sejam capazes de tomar decisões criticamente a partir de um repertório multiletrado, pautado pela ética e pelo respeito à diversidade, o qual será adquirido ao longo desse ciclo escolar.

Essas demandas exigem que as escolas de Ensino Médio ampliem as situações nas quais os jovens aprendam a tomar e sustentar decisões, fazer escolhas e assumir posições conscientes e reflexivas, balizados pelos valores da sociedade democrática e do estado de direito. Exigem ainda possibilitar aos estudantes condições tanto para o adensamento de seus conhecimentos, alcançando maior nível de teorização e análise crítica, quanto para o exercício contínuo de práticas discursivas em diversas linguagens. Essas práticas visam à participação qualificada no mundo da produção cultural, do trabalho, do entretenimento, da vida pessoal e, principalmente, da vida pública, por meio de argumentação, formulação e avaliação de propostas e tomada de decisões orientadas pela ética e pelo bem comum. (MEC, 2018, p. 486)

Por sua vez, as atividades pedagógicas propostas pela área de Linguagens e suas Tecnologias da BNCC têm como objetivo fazer com que o estudo das linguagens seja colocado em prática por meio do exercício de se chegar a diferentes respostas possíveis para uma mesma problemática, fazendo com que o aluno identifique os diferentes contextos e camadas discursivas que, por exemplo, um texto ou um conteúdo audiovisual pode ter, ou seja, esse processo visa a torná-lo capaz de ir além de saber ler e interpretar um gênero textual, fazendo-o analisar criticamente os mais variados tipos de conteúdo.

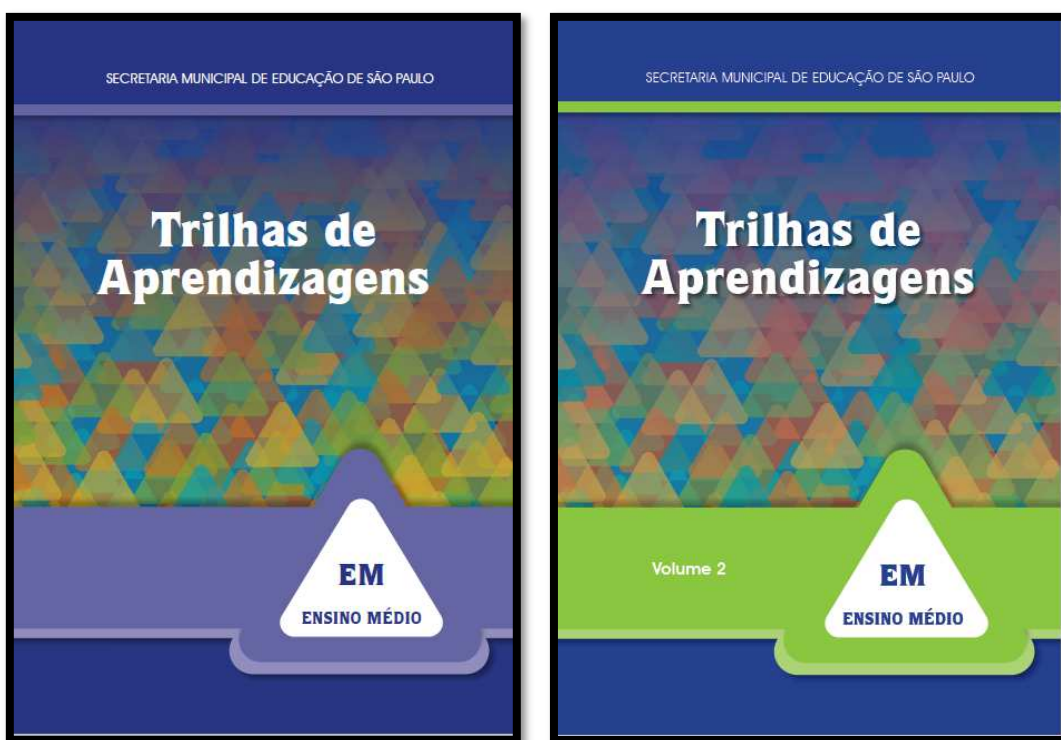
Particularmente na área de Linguagens e suas Tecnologias, mais do que uma investigação centrada no desvendamento dos sistemas de signos em si, trata-se de assegurar um conjunto de iniciativas para qualificar as intervenções por meio das práticas de linguagem. A produção de respostas diversas para o mesmo problema, a relação entre as soluções propostas e a diversidade de contextos e a compreensão dos valores éticos e estéticos que permeiam essas decisões e vem se tornar foco das atividades pedagógicas. (MEC, 2018, p. 486)

Dentro dos segmentos previstos pela área Linguagens e suas Tecnologias do material da SME, temos como primeiras atividades pedagógicas as vinculadas à disciplina de Língua Portuguesa, objeto de estudo deste trabalho.

## 5. ANÁLISE DAS TRILHAS DE APRENDIZAGENS: LINGUAGENS E SUAS TECNOLOGIAS – LÍNGUA PORTUGUESA - VOLUMES 1 E 2

Este capítulo se propõe a analisar as atividades da disciplina de Língua Portuguesa do módulo “Linguagens e suas tecnologias”, dos volumes 1 e 2 (FIGURA 13), apresentadas pelas *Trilhas de Aprendizagens* no contexto do ensino remoto emergencial devido à pandemia, a partir do olhar da Educomunicação.

**Figura 13 – Volumes 1 e 2 das Trilhas de Aprendizagens para o Ensino Médio**



*Fonte: SME – Portal Institucional.*

### 5.1. Trilhas de Aprendizagens: Ensino Médio - Volume 1

O módulo “Linguagens e suas tecnologias – Língua Portuguesa” do primeiro volume (SME, v.1, 2020, p. 19-22) das *Trilhas de Aprendizagens* é composto por três atividades, envolvendo leitura, análise e escrita argumentativa.

## Atividade 1 – Leitura e análise de notícias:

Na primeira atividade apresentada aos estudantes (SME, v.1, 2020, p. 20), é abordado o tema das Fake News e a importância de se checar a veracidade das informações veiculadas em uma notícia, os impactos de se disseminar notícias falsas, e como se posicionar a respeito de determinado assunto a partir da leitura crítica da mídia.

No item 1 da atividade, são apresentadas três manchetes de notícias. Solicita-se a checagem da informação a partir da pesquisa no site [aosfatos.org](http://aosfatos.org), elaborando um comentário por meio do Google Docs sobre o que a checagem revelou. As manchetes são as seguintes:

- *Mercado em São Vicente é saqueado durante quarentena;*
- *Israel conseguiu combater o Coronavírus isolando apenas idosos;*
- *São raros os casos fatais entre pessoas com menos de 40 anos infectadas pelo COVID-19.*

No item 2, o estudante é convidado a refletir sobre os impactos das Fake News relacionadas à COVID-19, em seguida, criar um texto de sua autoria sobre o assunto como se fosse postar nas redes sociais. Já o item 3, orienta a compartilhar o documento em um GoogleForms, porém não fica claro se esses arquivos serão lidos por algum professor. No mesmo item, o aluno também é incentivado a de fato compartilhar seu texto em redes sociais, se assim desejar, usando a #EMSPnaquarentena e marcando sua escola na postagem.

Por fim, há um quadro denominado “Ampliando as Experiências” (SME, v.1, 2020, p. 20) no qual são inseridas fontes complementares de pesquisa, as quais podem ser consultadas pelos alunos, caso desejem se aprofundar em determinado conteúdo. Uma delas direciona o estudante para o site do Ministério da Saúde, fonte oficial no Brasil para veicular notícias sobre a COVID-19; outro link apresenta o conceito de Fake News, para que seja possível entender melhor o tema abordado.

Pode-se inferir que esta primeira atividade proposta pelas *Trilhas de Aprendizagens* vai ao encontro daquilo que propõe a área de Linguagens e suas Tecnologias inserida na BNCC de 2018, uma vez que reforça a importância de se utilizarem as tecnologias digitais de informação e comunicação de maneira crítica e ética nas práticas sociais, bem como nas escolares, ao compartilhar e produzir informações (MEC, 2018, p. 9). Ademais, corrobora os pontos levantados aqui anteriormente sobre a necessidade de se formar cidadãos para uma leitura crítica da mídia, assim como seu protagonismo em relação às suas próprias histórias ao terem

domínio sobre tais meios de comunicação. Nesse quesito, a atividade incentiva o aluno a buscar fontes que o auxiliem a identificar a (in)veracidade das manchetes, bem como a, com base em pesquisas, construir sua própria opinião sobre o assunto. Aqui ele tem maior autonomia para analisar os temas propostos e ainda criar um texto de sua autoria para ser publicado nas redes sociais, estimulando o pensamento crítico.

Em que pese o potencial participativo e colaborativo das TDIC, a abundância de informações e produções requer, ainda, que os estudantes desenvolvam habilidades e critérios de curadoria e de apreciação ética e estética, considerando, por exemplo, a profusão de notícias falsas (fake news), de pós-verdades, do cyberbullying e de discursos de ódio nas mais variadas instâncias da internet e demais mídias. (MEC, 2018, p. 488)

Entretanto, vale comentar que não há um contraponto nas informações apresentadas nesta primeira atividade, por exemplo, para refletir que não se deve pautar em uma única fonte de pesquisa, como foi dado na atividade, a qual colocou apenas o site aosfatos.org como opção, uma vez que se recomenda verificar as informações em mais de uma fonte e ver como elas abordam determinado assunto. É pertinente dizer também a importância de se falar sobre a construção dos discursos, a qual poderia ter sido abordada de maneira introdutória na atividade e/ou ainda como forma de exercício proposto, tendo em vista que tais discursos, muitas vezes, são tendenciosos por quererem defender determinado ponto de vista, o qual nem sempre é benéfico para a maioria da sociedade. Enfatizamos essa necessidade já que juntamente com Volóchinov (2017) consideramos a palavra e os discursos como prenes de ideologia.

O apoio à cultura digital se faz presente ao se incentivar estudantes a usar as novas tecnologias da comunicação, como o uso das redes sociais, para compartilhar suas atividades. Fazer tal aproximação com uma possível realidade dos jovens é, de modo geral, bastante válido como estratégia pedagógica, já que torna o processo de ensino-aprendizagem algo que também faz parte do dia a dia e que é aplicável a ele. No entanto, a realidade social de nosso País e do alunado brasileiro é bastante complexa, considerando que os meios digitais, embora estejam cada vez mais presentes em nossas atividades básicas, não fazem parte da rotina de todas as pessoas. O parêntese que se faz nesse sentido é o fato de que, principalmente nesse período de pandemia, mas não só, boa parte da população não teve o acesso necessário à internet, o que dificultou muito acompanhar atividades e conteúdos que estavam sendo veiculados dessa maneira.

## Atividade 2 – Análise de canção:

Nesta atividade, o aluno é convidado a pensar na relação que há entre a vida e o fim do mundo por meio da análise de algumas canções: “As canções nos ajudam a ouvir, imaginar e “tatear” o mundo de outras formas, por meio de diversos sentidos... é um processo de pura sinestesia!” (SME, v.1, 2020, p. 21).

O aluno é guiado por uma trilha que direciona a atividade (ANEXO 3). Nela, há uma sequência com sete “paradas”, nas quais ele precisa seguir como num tabuleiro até que chegue à reta final, descrita a seguir:

- Primeira Parada: solicita-se a assistência a uma entrevista do programa “Provocações”, da TV Cultura, cujo convidado é o líder indígena Ailton Krenak, que responde à pergunta: “o que é a vida?”<sup>14</sup> Após assistir ao vídeo, solicita-se que o aluno também responda à mesma pergunta.
- Segunda Parada: há uma indicação de leitura de um trecho de capítulo do livro de Ailton Krenak, *Ideias para adiar o fim do mundo*<sup>15</sup>, e de vídeo contendo comentário sobre o livro<sup>16</sup>. Com base na leitura e no vídeo, o aluno deve responder às perguntas: Você acha que é possível adiar esse fim do mundo que Ailton Krenak discute? Por quê?
- Terceira Parada: outro trecho de capítulo do livro de Ailton Krenak é apresentado<sup>17</sup>, para que o aluno faça a análise a partir das repostas das questões dadas por um formulário (ANEXO 4). São indicadas as questões 1, 2 e 3, nesse momento.
- Quarta Parada: o aluno deve ler o trecho de capítulo do livro, *A história e suas epidemias*<sup>18</sup>, desta vez do infectologista Stefan Cunha Ujvar, no qual é abordada a questão das epidemias e como elas dizimaram populações indígenas no Brasil. Após a leitura, o aluno é orientado a checar as repostas que deu nas questões 1, 2 e 3 e, em seguida, responder às questões 4, 5 e 6 do formulário.
- Quinta Parada: o aluno é convidado a ouvir a canção “Índios” da banda Legião Urbana e responder às questões 7, 8, 9 e 10 do formulário.

---

<sup>14</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FWKkjHGIqrI>. Acesso em: 28 nov. 2021.

<sup>15</sup> Disponível em: <https://www.flip.org.br/noticia/leia-um-trecho-de-ideias-para-adiar-o-fim-do-mundo/>. Acesso em: 28 nov. 2021.

<sup>16</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=P6pNj9Qy7sw>. Acesso em: 28 nov. 2021.

<sup>17</sup> KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. p. 71.

<sup>18</sup> UJVARI, Stefan Cunha. *A história e suas epidemias: a convivência do homem com os microorganismos*. Rio de Janeiro: Editora Senac: 2003. p. 101-102.

- Sexta Parada: há a indicação para que o aluno escute a canção “Um índio”, interpretada por Caetano Veloso, para responder às questões 11 e 12.
- Última parada: por fim, o aluno é orientado a fazer a leitura de uma notícia<sup>19</sup> e uma reportagem<sup>20</sup> que discutem sobre o impacto da COVID-19 na comunidade indígena, para que assim possa responder à questão 13.

Embora a atividade tenha como título “Análise de canção”, há a mescla de diversas mídias (entrevistas, notícias, livros, músicas etc.), para que seja feita uma análise e reflexão sobre o tema proposto. Assim, como aspecto positivo, é possível destacar novamente a importância da leitura crítica da mídia na formação cidadã, uma vez que os diferentes conteúdos apresentados pela atividade permitem que o aluno adquira maior repertório sobre o assunto, a partir de distintas perspectivas, para que, então, construa sua própria opinião, a qual é orientada por meio das questões. Também se destaca a variedade de gêneros textuais e discursivos envolvidos na atividade. Vale pontuar aqui também o uso das trilhas como direcionamento para o processo de ensino-aprendizagem, uma vez que o estudante se guia por meio dela, passo a passo, para construir seu conhecimento.

Já como pontos a melhorar nesta atividade, primeiramente vale destacar o fato de o enunciado da atividade frisar a análise de canções e estas só serem apresentadas efetivamente nos itens finais das “paradas”, o que pode gerar certa quebra de expectativa e, até mesmo, desmotivação, considerando que os exercícios voltados para leitura e interpretação de textos são muito recorrentes no ambiente escolar. Apresentar a análise das canções num primeiro momento parece fazer mais sentido dentro da proposta da atividade e, então, relacioná-las com os demais conteúdos. Nesse sentido, o uso de questionários com perguntas fechadas — como “Qual é o encontro entre humanos a que o autor Ailton Krenak se refere? Explique.” ou “Substitua as palavras “daqui” e “de lá” por dois continentes.” (ANEXO 4) — está muito mais voltado para atividades teóricas do que para aquelas que poderiam ser transformadas em projetos. Embora as perguntas propostas também incentivem a argumentação e o pensamento crítico, diferentemente do que é proposto na primeira atividade, aqui os exercícios são mais pragmáticos, os quais parecem ter como foco o uso da coesão textual, estratégia que objetiva

---

<sup>19</sup> AGÊNCIA BRASIL. **Ministério da Saúde confirma morte de dois indígenas por covid-19.** Agência Brasil, 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2020-04/ministerio-da-saude-confirma-morte-de-dois-indigenas-por-covid-19>. Acesso em: 28 nov. 2021.

<sup>20</sup> BONILHA, Patrícia. **Como a Covid 19 impacta os indígenas isolados?** Greenpeace, 2020. Disponível em: <https://www.greenpeace.org/brasil/blog/como-o-covid-19-impacta-os-indigenas-isolados/>. Acesso em: 28 nov. 2021.

preparar o estudante, por exemplo, para os exames vestibulares, ao terem que escrever uma redação ou responder questões dissertativas com coerência e coesão. Como alternativa, poderiam ser dadas as canções e a entrevista e/ou os trechos dos livros para análise, pedindo que o próprio aluno buscasse outras fontes sobre o tema, como vídeos no YouTube e notícias na internet, analisando a veracidade delas, o que já faria com que este colocasse em prática o que aprendeu na atividade anterior.

Voltando aos ensinamentos de Vygotsky (2014), outra atividade que poderia ter sido proposta seria de o educando colocar em prática seu lado criativo, por exemplo: por meio da elaboração de uma canção feita por ele a partir do que apreendeu sobre o tema e, se desejasse, esta também poderia ser postada nas redes sociais e/ou na plataforma de sua escola. Como já foi citado em capítulo anterior, a imaginação é capaz de produzir o novo, e a arte tem um papel importante no estímulo desse processo criativo.

### Atividade 3 – A redação no Enem:

Esta atividade (SME, v.1, 2020, p. 21) é dedicada a apresentar o que é a proposta de redação dada pelo Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e de como estruturar uma produção textual escrita respeitando os critérios deste exame. No item “a”, o estudante é direcionado para um *link* (ANEXO 5) contendo *slides* com explicações da estrutura da redação do ENEM, bem como de como funcionam os textos motivadores. O item “b”, por sua vez, apresenta uma proposta de redação (ANEXO 6), para se colocar em prática o que foi visto no item “a”. O item “c” contém dicas (ANEXO 7) com o intuito de subsidiar a elaboração de uma boa redação. Já os itens “d” e “e” orientam para a produção da redação em si, sendo o item “e” um *checklist* (SME, v.1, 2020, p. 22), para que o aluno confira se atendeu a todos os critérios em seu texto.

Nesta atividade final do módulo, vale destacar que é “amarrado” o conteúdo que foi visto até então, uma vez que a proposta de redação é “Fake News e os impactos na sociedade brasileira”, retomando a atividade 1. Portanto, espera-se que o aluno tenha construído conhecimentos e habilidades suficientes para argumentar sobre o tema, já que, ao longo das atividades, foram trabalhados os impactos negativos de se disseminar notícias falsas, a checar informações e fazer uma leitura crítica da mídia, bem como de como construir sua própria opinião a partir dessa leitura.

Em relação a essa primeira sequência de atividades, podemos dizer que as Fake News, mais bem-conceituadas como desinformação<sup>21</sup>, são um efeito colateral das novas tecnologias da comunicação, na medida em que são uma consequência dos avanços de uma comunicação globalizada e de larga escala, a qual propaga um excesso de informações, muitas vezes, dificultando o discernimento das pessoas em relação aos fatos. Tendo como objetivo, em muitos casos, preservar conveniências políticas, socioeconômicas e culturais e situações de privilégios de uma minoria em detrimento do direito de todos.

Nesse sentido, justifica-se, portanto, a importância do letramento digital e da educação midiática como mediação para lidar com tantas informações (e desinformações), tendo como propósito construir uma sociedade mais democrática e multicultural.

A viralização de conteúdos/publicações fomenta fenômenos como o da pós-verdade, em que as opiniões importam mais do que os fatos em si. Nesse contexto, torna-se menos importante checar/verificar se algo aconteceu do que simplesmente acreditar que aconteceu (já que isso vai ao encontro da própria opinião ou perspectiva). As fronteiras entre o público e o privado estão sendo recolocadas. **Não se trata de querer impor a tradição a qualquer custo, mas de refletir sobre as redefinições desses limites e de desenvolver habilidades para esse trato, inclusive refletindo sobre questões envolvendo o excesso de exposição nas redes sociais.** Em nome da liberdade de expressão, não se pode dizer qualquer coisa em qualquer situação. Se, potencialmente, a internet seria o lugar para a divergência e o diferente circularem, na prática, a maioria das interações se dá em diferentes bolhas, em que o outro é parecido e pensa de forma semelhante. **Assim, compete à escola garantir o trato, cada vez mais necessário, com a diversidade, com a diferença.** (MEC, 2018, p. 68, grifos nossos)

Por outro lado, o acesso à informação com o objetivo de torná-la conhecimento faz parte do nosso processo de aprendizagem, ao passo que as mídias e o jornalismo de qualidade, bem como a área de Educomunicação, estão a serviço de tal processo, a fim de solidificar a construção de um pensamento científico, cultural e democrático por meio da ética, do respeito e da empatia.

---

<sup>21</sup> Evita-se admitir que o termo fake news (“notícias falsas”) possua um significado direto ou comumente compreendido. Isso ocorre porque “notícias” significam informações verificáveis de interesse público, e as informações que não atendem a esses padrões não merecem o rótulo de notícias. Nesse sentido, então, a expressão “notícias falsas” é um oxímoro que se presta a danificar a credibilidade da informação que de fato atende ao limiar de verificabilidade e interesse público – isto é, notícias reais. (UNESCO, 2019, p. 7)

## 5.2. Trilhas de Aprendizagens: Ensino Médio - Volume 2

O módulo “Linguagens e suas tecnologias – Língua Portuguesa” do segundo volume (SME, v.2, 2020, p. 10-23) das *Trilhas de Aprendizagens* é igualmente composto por três atividades, também mobilizando o aluno para as práticas de leitura, análise e escrita argumentativa.

### Atividade 1 – Leitura e análise de textos:

A primeira atividade do módulo “Linguagens e suas tecnologias – Língua Portuguesa” (SME, v.2, 2020, p. 11) aborda questões sobre a importância de termos um olhar reflexivo diante de nós mesmos no período de isolamento social, bem como, nesse trajeto de autoconhecimento, também enxergar o outro e o mundo no qual vivemos, uma vez que nossas ações têm impacto na vida de todos e, assim, entender as reais necessidades de nossa sociedade: “O desejo de um futuro melhor, somado à nossa experiência durante a quarentena e a pandemia, possivelmente gerará um novo olhar sobre nós, sobre o outro e sobre o mundo. Nesse sentido, autorreflexão e ressignificação das reais prioridades humanas deverão trazer maior consciência coletiva a todos os que nos cercam.” (SME, v. 2, 2020, p. 14).

Para direcionar a atividade, foram apresentados nove poemas com o objetivo de provocar reflexão sobre o tema proposto, quais sejam:

- “O autorretrato”. Fonte: QUINTANA, Mario. **Apontamentos de história sobrenatural**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012, p. 21.
- “Eu”. Fonte: ESPANCA, Florbela. **Sonetos**. Amadora: Bertrand, 1978, p. 2.
- “Contranarciso”. Fonte: LEMINSKI, Paulo. **Caprichos & relaxos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, p. 14.
- “Incenso fosse música”. Fonte: LEMINSKI, Paulo. **Toda Poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 228.
- “O adolescente”. Fonte: QUINTANA, Mario. **Apontamentos de história sobrenatural**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012, p. 11.
- “Buscando o sentido”. Fonte: LEMINSKI, Paulo. **Ensaio e Anseios Crípticos**. Campinas: Editora Unicamp, 2011, p. 13.

- “O morto”. Fonte: QUINTANA, Mario. **Apontamentos de história sobrenatural**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012, p. 125.
- “Congresso Internacional do Medo”. Fonte: ANDRADE, Carlos Drummond. **Sentimento do Mundo**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992, p. 60.
- “Ofertas de Aninha”. Fonte: CORALINA, Cora. **Vintém de cobre: meias confissões de Aninha**. São Paulo: Global Editora, 1997, p.145.

Por se tratar de uma atividade basicamente de leitura e interpretação de textos, o aluno é guiado por meio de uma sequência com 21 questões (SME, v.2, 2020, p. 15-16), estratégia didática que, mais uma vez, pode ser vista como uma preparação para os modelos de prova exigidos pelos grandes vestibulares.

As questões solicitam analisar os poemas lidos a partir das perguntas propostas, as quais envolvem desde um conhecimento mais pragmático, como descrever o que caracteriza um soneto ou quais são as expressões de sentido figurado presentes em determinados trechos, até questões mais introspectivas que questionam como o aluno tem refletido sobre si mesmo no período de isolamento social, perguntas que pedem que este faça um comparativo entre o que é descrito no poema e a quarentena provocada pela COVID-19; ainda há uma pergunta que estimula a pesquisa sobre o mito que é citado no poema e faça uma contraposição entre os textos; na última questão, o estudante é convidado a redigir uma carta a alguém para ser lida no futuro, na qual ele deve relatar o período de pandemia, os sentimentos provocados pelo isolamento social, relacionando-os com as temáticas dos poemas, assim como descrevendo como a COVID-19 tem afetado a sociedade brasileira.

A leitura crítica, portanto, novamente é o foco desta atividade, estimulando o aluno a pensar em seus sentimentos diante do isolamento social, e como nossas ações têm consequências diante da sociedade. Todas as questões são voltadas para análise dos poemas mediante uma resposta descritiva e/ou argumentativa.

No quadro “Ampliando as experiências” da atividade, há algumas indicações de links que levam à biografia dos autores dos poemas, além de outras curiosidades relacionadas a eles. Nesse sentido, o incentivo à pesquisa sempre é muito bem-vindo, fazendo com que o próprio aluno busque fontes alternativas ao material para aprofundar seu conhecimento, embora, na atividade em questão, só há uma pergunta nesse sentido. Vale pontuar ainda que seria interessante ter sido expresso nas questões o incentivo ao diálogo com colegas de turma ou outros colegas sobre os temas abordados, para que a construção do conhecimento em pares (aprendizagem em equipes) se fizesse presente, tornando as questões mais dinâmicas.

Ademais, não fica claro o tempo destinado à realização desta primeira atividade, porém parece um pouco monótono apresentar uma sequência grande de textos e questões para que sejam realizadas de uma única vez, considerando que se faz necessária uma pausa para se refletir sobre cada tema elencado pelos poemas apresentados.

O poder da imaginação criativa apresentado por Vygotsky (2014) novamente cabe no contexto desta atividade e, aqui, como sugestão, também seria interessante propor alguma prática criativa aos alunos, por meio da produção de um poema de sua autoria sobre o tema ou, até mesmo, apresentar outra linguagem como possibilidade, a edição de um vídeo ou a captura de uma fotografia, por exemplo, abordando o tema e o sentimento de autorreflexão que foi proposto na atividade.

### Atividade 2 – Contextualização

A atividade 2 (SME, v.2, 2020, p. 16), por sua vez, direciona o aluno à pesquisa do contexto relacionado aos poemas apresentados na atividade 1, incentivando a busca por entender o sentido dos textos, a partir de aspectos político, histórico, social e autobiográfico de cada autor, associados ao período da criação de suas obras literárias. A atividade, portanto, propõe entender a importância de identificar o contexto no qual a publicação do texto foi feita, pois ele revela características significativas daquele discurso, bem como suas intencionalidades e sua história. Segundo Freire (1996, p. 14), o papel do professor é ensinar a seus educandos pensar certo, ou seja, não em memorizar uma série de informações desconexas entre si, mas incentivar a pesquisa e o pensamento crítico para chegar a um significado sobre tais informações.

O professor que pensa certo deixa transparecer aos educandos que uma das bonitezas de nossa maneira de estar no mundo e com o mundo, como seres históricos, é a capacidade de, intervindo no mundo, conhecer o mundo. Mas, histórico como nós, o nosso conhecimento do mundo tem historicidade. Ao ser produzido, o conhecimento novo supera outro que antes foi novo e se fez velho e se “dispõe” a ser ultrapassado por outro amanhã\*. Daí que seja tão fundamental conhecer o conhecimento existente quanto saber que estamos abertos e aptos à produção do conhecimento ainda não existente. (FREIRE, 1996, p. 14)

Ao aprender com a história já existente, é possível construir aquilo que ainda não existe, assim como repensar a própria sociedade a fim de melhorá-la.

### Atividade 3 – Redigindo textos

Assim como no volume 1, a atividade 3 (SME, v.2, 2020, p. 18) é destinada ao exercício de elaborar uma redação dissertativa-argumentativa. Nesta etapa, são dadas mais algumas dicas de como se estruturar um artigo de opinião, seguindo da proposta de redação, que deve ser feita a partir da leitura de uma sequência de textos motivadores, os quais são apresentados em diferentes gêneros e contextos, buscando levantar dados da atualidade para confrontar os temas propostos dentro de outros períodos históricos, integrando aquilo que se aproxima do cotidiano do aluno com contextos de outras épocas.

Textos motivadores (SME, v.2, 2020, p. 21-23):

- Textos I e II: aqui, são apresentados trechos dos poemas “Navio Negreiro”, de Castro Alves, e “Medo da senhora”, de Oswald de Andrade, para que o aluno faça a análise e reflita sobre o tema, assim como praticou com os poemas dados nas atividades anteriores.
- Texto III: neste texto, o aluno se depara com o trecho de uma notícia intitulada: “Manifestações antirracistas já duram mais de nove dias nos Estados Unidos”, debate em voga no ano de 2020.
- Textos IV e V: como outra estratégia textual, são apresentadas duas charges sobre o caso do menino Miguel, notícia também que estava em debate no período de 2020 no Brasil, fato que aconteceu pouco tempo depois da morte de George Floyd, nos Estados Unidos.

A partir dos textos motivadores, então, é apresentada a proposta de redação, que pede um texto dissertativo-argumentativo sobre o racismo na sociedade brasileira. No quadro “Ampliando as experiências” desta atividade, ainda há outros dois artigos recentes tratando sobre o tema. Nesta atividade, portanto, o aluno é convidado a refletir, a partir da elaboração de uma redação nos moldes do ENEM, sobre vários aspectos de desigualdade racial em nossa sociedade, considerando tanto o contexto histórico passado como o atual, relacionando-os entre si.

Vale destacar a importância da apresentação de vários gêneros textuais como repertório, para que o aluno possa analisar o conteúdo a partir de diferentes linguagens, bem como sua análise a partir do contexto das mídias digitais, assim como propõe a BNCC (MEC, 2018, p.

70): “Dessa forma, a BNCC procura contemplar a cultura digital, diferentes linguagens e diferentes letramentos, desde aqueles basicamente lineares, com baixo nível de hipertextualidade, até aqueles que envolvem a hipermídia.”

A atividade ainda faz uma relação entre passado e presente que é didaticamente bem-vinda como estratégia de aprendizagem, fazendo com que o aluno busque dados históricos ou outros elementos que o ajudem a entender como o tema é construído em nossa sociedade e nossa cultura ao longo do tempo, e o que leva na atualidade alguns problemas sociais do passado ainda perdurarem, motivando não só para a leitura crítica do material como também para uma consciência cidadã e democrática.

Nesta mesma atividade, como sugestão, seria interessante fazer um paralelo com os saberes já adquiridos pelos educandos sobre o tema, questionando se já sofreram racismo em sua vivência. Propor aspectos sobre a relação da mídia diante do racismo estrutural no Brasil, refletindo sobre os discursos que circulam em diferentes meios de comunicação. Ainda quais são as intencionalidades de tais discursos, já que elas têm o poder de reforçar ou combater a discriminação racial. Como orienta Freire (1996, p. 15), ensinar exige respeito às experiências já vividas pelos educandos e cabe ao professor relacioná-las com os conteúdos escolares para, então, chegar a uma maior reflexão sobre a nossa própria realidade:

Por isso mesmo pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela – saberes socialmente construídos na prática comunitária – mas também, como há mais de trinta anos venho sugerindo, discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos. (FREIRE, 1996, p. 15)

Mais uma vez é preciso dizer que o ambiente escolar, mesmo que este seja virtual, não deve ser um lugar de mera transferência de informações, de exemplos teóricos e abstratos, ou da operacionalização de ferramentas as quais serão aplicadas para uma finalidade puramente prática: “Ensinar não é transferir conhecimento” (FREIRE, 1996, p. 21). Pelo contrário, é o lugar de se questionar a realidade concreta, refletir, ressignificar, entender os problemas sociais para, então, pensar em possíveis soluções e produzir novos conhecimentos.

### 5.3. Considerações parciais

Considerando as sete competências voltadas para área de Linguagens e suas Tecnologias para o Ensino Médio presentes na BNCC (MEC, 2018, p. 489), é possível chegar a algumas conclusões relacionadas às atividades descritas anteriormente. A primeira competência diz que o aluno deve:

1. Compreender o funcionamento das diferentes linguagens e práticas culturais (artísticas, corporais e verbais) e mobilizar esses conhecimentos na recepção e produção de discursos nos diferentes campos de atuação social e nas diversas mídias, para ampliar as formas de participação social, o entendimento e as possibilidades de explicação e interpretação crítica da realidade e para continuar aprendendo.

Nesse aspecto, pode-se dizer que as atividades propostas atendem parcialmente a essa primeira competência, uma vez que propõem a análise de diferentes linguagens, para que o aluno exercite o pensamento crítico como forma de participação ativa na sociedade, embora tais atividades tenham a linguagem textual como predominante, deixando de explorar um pouco mais outras possibilidades dentro do contexto das mídias digitais, ainda que estejamos falando do segmento de Língua Portuguesa. Já a segunda e a terceira competências ressaltam a importância do respeito aos direitos humanos e à diversidade.

2. Compreender os processos identitários, conflitos e relações de poder que permeiam as práticas sociais de linguagem, respeitando as diversidades e a pluralidade de ideias e posições, e atuar socialmente com base em princípios e valores assentados na democracia, na igualdade e nos Direitos Humanos, exercitando o autoconhecimento, a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, e combatendo preconceitos de qualquer natureza.
3. Utilizar diferentes linguagens (artísticas, corporais e verbais) para exercer, com autonomia e colaboração, protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva, de forma crítica, criativa, ética e solidária, defendendo pontos de vista que respeitem o outro e promovam os Direitos Humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável, em âmbito local, regional e global.

Para tal competência, as atividades analisadas conseguiram abarcar pontos relacionados ao respeito à diversidade e ao combate a preconceitos, apresentando, por exemplo, textos para análise sobre o racismo estrutural no Brasil e fora dele, bem como a citação de livros e entrevistas a partir do olhar de um líder indígena. A partir disso, mobilizar a reflexão sobre o contexto da pandemia e como nossas ações diante da sociedade podem ter consequências graves, enquanto respeitar os direitos humanos é o primeiro passo a se dar no enfrentamento de crises como a provocada pelo coronavírus.

A quarta competência, por sua vez, reforça o aspecto da linguagem como construção de uma identidade individual e também coletiva:

4. Compreender as línguas como fenômeno (geo)político, histórico, cultural, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo suas variedades e vivenciando-as como formas de expressões identitárias, pessoais e coletivas, bem como agindo no enfrentamento de preconceitos de qualquer natureza.

Tal aspecto pode ser identificado na atividade 1 do segundo volume do material didático analisado, que propõe diversas reflexões sobre autoconhecimento e as relações entre o “eu” e o “outro” no período de isolamento, mas também nas atividades que fazem um paralelo entre passado, presente e futuro (para pensar na sociedade que queremos ter nos próximos anos), apresentando diferentes contextos da história brasileira, como na relação dos índios com as doenças trazidas pelos portugueses e a situação da pandemia; ou no contexto de um Brasil escravocrata evidenciado em poemas como o “Navio Negreiro” e as relações de racismo presentes nos dias atuais.

As competências cinco e seis estão relacionadas à diversidade cultural e artística, a qual deve ser promovida no ensino em suas diferentes linguagens:

5. Compreender os processos de produção e negociação de sentidos nas práticas corporais, reconhecendo-as e vivenciando-as como formas de expressão de valores e identidades, em uma perspectiva democrática e de respeito à diversidade.

6. Apreciar esteticamente as mais diversas produções artísticas e culturais, considerando suas características locais, regionais e globais, e mobilizar seus conhecimentos sobre as linguagens artísticas para dar significado e (re)construir produções autorais individuais e coletivas, exercendo protagonismo de maneira crítica e criativa, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.

As atividades analisadas atendem a tais competências na medida em que buscam apresentar diferentes linguagens e formas de arte, principalmente usando como exemplo a análise de músicas, poemas e trechos de livros relacionados aos temas propostos. Entretanto, falta o incentivo à produção dessa arte associada ao uso das novas tecnologias da comunicação como forma de aproximar tais linguagens daquilo que já é vivenciado pelos alunos, dando como atividade, por exemplo, a produção de um *podcast*, mesmo que utilizando ferramentas simples como o gravador de um celular.

Por fim, a sétima competência reforça o uso das novas tecnologias associadas ao ensino e à produção de conhecimento:

7. Mobilizar práticas de linguagem no universo digital, considerando as dimensões técnicas, críticas, criativas, éticas e estéticas, para expandir as formas de produzir

sentidos, de engajar-se em práticas autorais e coletivas, e de aprender a aprender nos campos da ciência, cultura, trabalho, informação e vida pessoal e coletiva.

Contudo, como já descrito na competência anterior esse aspecto do incentivo à produção criativa respaldada pelo mundo digital fica a desejar nas atividades propostas pelo material, no qual acaba prevalecendo o uso de aspectos textuais e atividades dissertativas tradicionais, que também são importantes no processo de ensino-aprendizagem voltado para a Língua Portuguesa, porém que não faz jus a outras possibilidades de que o meio digital dispõe. A BNCC de 2018 ainda frisa essa realidade em que as diferentes linguagens precisam coexistir na educação atual, tornando o aluno apto a dominá-las em seus diferentes contextos:

Não se trata de deixar de privilegiar o escrito/impreso nem de deixar de considerar gêneros e práticas consagrados pela escola. [...] mas de contemplar também os novos letramentos, essencialmente digitais. [...]  
Compreender uma palestra é importante, assim como ser capaz de atribuir diferentes sentidos a um *gif* ou meme. Da mesma forma que fazer uma comunicação oral adequada e saber produzir *gifs* e memes significativos também podem sê-lo. (MEC, 2018, p. 69)

Pode-se dizer, portanto, que, de modo geral, o módulo de “Linguagens e suas tecnologias – Língua Portuguesa”, tanto do volume 1 quanto do volume 2 das *Trilhas de Aprendizagens*, reforça o trabalho com a leitura crítica da mídia e da escrita argumentativa, valendo-se de distintos meios de comunicação — como notícias, reportagens, vídeos, livros e artigos de opinião — para mobilizar o aluno em seu processo de construção do conhecimento, estratégia bastante recomendada por Freire (1997, p. 75):

Gostaria de sublinhar ainda a importância da leitura de jornais, de revistas, estabelecendo conexões entre os fatos comentados, ocorrências, desgovernos, e a vida da escola. A importância da audiência de certos programas de TV, devidamente gravados em vídeo, da feitura deliberada de vídeos fixando retalhos de práticas, até mesmo de uma das sessões de trabalho do grupo. Nenhum recurso que possa ajudar a reflexão sobre a prática, de que possa resultar sua melhora pela produção de mais conhecimento, pode ou deve ser posto de lado.

Entretanto, não fica claro ao certo o papel de mediação do professor nas atividades propostas, o qual parece nem ser requisitado para intervir nas atividades ou dar suporte para a resolução destas.

Mesmo a apresentação do material deixando claro que este se trata de atividades complementares, as quais não têm relação direta com o planejamento escolar já previsto, falta uma indicação de como o professor pode usar essa sequência didática como apoio, mesmo que

a distância. Já para o estudante, ter a mediação de um profissional para sanar possíveis dúvidas, bem como fornecer novas possibilidades para resolver problemas ou debater as temáticas levantadas nos exercícios, é um momento importante no processo de ensino-aprendizagem.

Faz parte das condições em que aprender criticamente é possível a pressuposição por parte dos educandos de que o educador já teve ou continua tendo experiência da produção de certos saberes e que estes não podem a eles, os educandos, ser simplesmente transferidos. Pelo contrário, nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, **ao lado do educador, igualmente sujeito do processo.** (FREIRE, 1996, p. 13, grifos nossos)

Tampouco fica claro o tempo indicado para que cada grupo de questões ou trilhas de aprendizagens sejam realizados pelo aluno, de maneira que ele possa adquirir o conhecimento efetivamente. Outro item a destacar é o fato de que nas atividades analisadas não houve uma orientação direta que reforçasse o diálogo entre os colegas de turma, mesmo que no ambiente virtual, ou para que alguma dúvida fosse tirada com o professor, como já pontuado anteriormente.

Novamente, aqui o professor poderia levantar discussões ou debates sobre os temas, os quais poderiam ser discutidos em grupos ou duplas, virtualmente, conforme recomendação dada na seção “Aprendendo a aprender”, em que há o incentivo ao diálogo e ao trabalho em equipe, como apresentado em trechos como o descrito a seguir: “Sugestão: se for possível, converse com seus colegas por telefone ou por redes sociais sobre as respostas deles. Assim, você pode aprender (e ensinar) novas formas de estudar!” (SME, v.1, 2020, p. 11)

O estímulo ao trabalho em equipe é uma boa prática pedagógica, como já citado no capítulo 2 deste trabalho, uma vez que o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) proposto por Vygotsky (ONRUBIA, 2006, p. 128) nos mostra que a interação com o outro colabora na construção do conhecimento, posteriormente se adquirindo domínio sob aquilo que se aprendeu. Da mesma forma que esse compartilhamento de saberes se torna eficaz nesse processo, já que, de acordo com a pirâmide de William Glasser, absorvemos melhor o que aprendemos quando discutimos o assunto e ensinamos a outras pessoas:

A colaboração baseada na interação torna possível não só que os alunos analisem os meios de comunicação, mas também viabiliza um processo que vai além da mera interpretação da informação. O resultado deste movimento permite que também se produza conteúdo contribuindo para a prática educativa ao propiciar a produção de informações e de conhecimentos. Em outras palavras, existe um movimento dialógico de reflexão que abre um leque de possibilidades onde os atores sociais envolvidos são incluídos no processo, que leva em consideração o ecossistema comunicativo e o protagonismo servindo como base para ações educativas. (PEDROSA, 2019, p. 7-8)

Claro que é importante reforçar as barreiras presentes no contexto de ensino remoto emergencial, principalmente na rede pública de ensino, devido à falta de políticas públicas que garantissem o acesso dos estudantes aos conteúdos no período da pandemia, por meio da disponibilização de rede Wi-Fi gratuita, bem como com a entrega de equipamentos para que estes pudessem efetivamente acompanhar as aulas propostas. Nesse sentido, tal cenário, em grande parte, dificultou, e até mesmo impediu, a possibilidade de formação de trabalhos em grupo, assim como a relação de diálogo entre os colegas de turma e entre alunos e professores.

No que diz respeito aos dez motivos apresentados na seção “Aprendendo a aprender” (SME, v.1, 2020, p. 10), já citada anteriormente, considerando as atividades analisadas, é possível dizer que estas se propõem a seguir principalmente os aspectos expostos nos itens 3, 6, 7, 8 e 10 (FIGURA 14), conforme a seguir:

**Figura 14 – Aprendendo a aprender**

The image shows a presentation slide with a dark blue header. On the left, a white triangle contains the number '10'. On the right, the word 'APRESENTAÇÃO' is written in white. The main title is 'APRENDENDO A APRENDER – ENSINO MÉDIO' in bold blue text. Below the title, a question asks for reasons to continue studies. A list of 10 reasons follows, numbered 1 to 10. At the bottom, another question asks for more reasons to complete the list.

10

APRESENTAÇÃO

**APRENDENDO A APRENDER – ENSINO MÉDIO**

Mas quais motivos poderiam te levar a continuar seus estudos durante este período?

**10 MOTIVOS PARA VOCÊ ESTUDAR DURANTE O PERÍODO DE SUSPENSÃO DAS AULAS:**

1. Preparar-se para tomar melhores decisões.
2. Preparar-se para prosseguir seus estudos na Universidade.
3. Aprender a ler, a ouvir ou a assistir às notícias e formular suas próprias opiniões.
4. Planejar sua carreira profissional.
5. Viver em condições melhores.
6. Compreender as novas tecnologias.
7. Ter coisas interessantes para falar em uma roda de conversa.
8. Estimular a imaginação e desenvolver a criatividade.
9. Conhecer outras culturas e línguas.
10. Falar melhor em público e escrever bem.

Consegue pensar em outros? Que tal completar esta lista com mais três bons motivos?

*Fonte: SME – Portal Institucional.*

O item 8, sobre imaginação e criatividade, é o que parece ter ficado mais aquém ao proposto, conforme descrito anteriormente, embora não seja mandatório contemplar todos esses

itens, uma vez que eles são apresentados como recomendações para os estudos e valem para o material como um todo e não somente ao recorte feito neste trabalho.

A partir do tópico “Você sabe como organizar seus estudos?” (SME, v.1, 2020, p. 10-16), da mesma seção, o aluno é orientado a organizar seus estudos a partir da divisão de atividades e definição de metas, como também já foi ilustrado inicialmente neste trabalho. O questionamento que se faz, entretanto, recai mais uma vez sobre a ausência da figura do professor como mediador e orientador no auxílio dessa organização prática dentro do ambiente doméstico. Bem sabemos que o período de isolamento e de adaptação para manter uma rotina das atividades em casa foi um tanto quanto desafiante para os próprios adultos, considerando as diferentes interferências externas que se colocaram como obstáculos nos momentos de trabalho e estudo a distância. Para um estudante de ensino médio então, muito provavelmente, esta dificuldade se impôs com um grau ainda maior. Dicas como “Mantenha o foco” (SME, v.1, 2020, p. 14) são válidas, porém um pouco mais complexas de serem aplicadas ao considerarmos os vários cenários possíveis vividos nos ambientes domésticos brasileiros.

Nesse sentido, vale recorrer mais uma vez a Freire (1996, p.13) quando diz que ensinar exige um rigor metódico e que o professor/educador está à frente nesse caminho do conhecimento a se percorrer, guiando o educando para de fato conseguir alcançar o entendimento daquilo que se propôs a aprender: “Percebe-se, assim, a importância do papel do educador, o mérito da paz com que viva a certeza de que faz parte de sua tarefa docente não apenas ensinar os conteúdos mas também ensinar a pensar certo.” (FREIRE, 1996, p. 13)

Cabe também pontuar que o material analisado, em vários momentos, se propõe a aplicar atividades que possibilitem que o aluno entre em contato com diferentes linguagens que não somente a escrita, além de incentivar o uso das mídias e da internet nesse processo, tendo em vista o contexto de ensino remoto. Como suporte complementar, da mesma forma como foram disponibilizados alguns vídeos na plataforma do YouTube com conteúdos em Libras, tal recurso poderia ter se estendido às demais atividades, tendo a presença do professor, mesmo que em aula gravada, como auxílio para promover debate e reflexão sobre os temas abordados nas atividades.

Contudo, como já reforçado neste trabalho, o acesso aos meios digitais se fez bastante precário no contexto da pandemia, impossibilitando boa parte dos estudantes, principalmente os da rede pública, de acompanhar as atividades escolares tendo a internet como suporte. Nesse sentido, é questionável a quantidade de alunos que efetivamente conseguiu tirar um bom proveito do material didático proposto pela SME, mesmo que também tenham sido entregues

versões impressas, uma vez que as próprias atividades regulares do ano letivo foram comprometidas no período. A mesma problemática se pressupõe no auxílio do professor no andamento de tais atividades, como já pontuado, pois para que esse diálogo fosse possível remotamente era preciso ter acesso a algum meio de comunicação não presencial.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de um olhar educomunicativo, este trabalho se propôs a analisar as estratégias pedagógicas apresentadas pelas *Trilhas de Aprendizagens* da SME-SP — considerando o contexto de ensino remoto emergencial que se impôs ao sistema educacional devido à pandemia — com o objetivo de refletir sobre as teorias envolvendo as metodologias ativas no ensino e a importância do letramento digital em nossa sociedade atual, bem como os inegáveis obstáculos que dificultaram ainda mais o ensino nesse período.

Para tanto, primeiramente foi necessário apresentar os pilares da área de Educomunicação, cujos princípios se pautam, entre outros, na autonomia, no protagonismo, na formação crítica e na democratização da comunicação, tendo o educador papel fundamental na mediação para construção do saber. Ainda, a exemplo, corroborando tais princípios, estão as diretrizes estabelecidas pela UNESCO, pela BNCC e pelo Currículo da Cidade.

Os pilares que norteiam a Educomunicação nos levaram a estudar as metodologias ativas, as quais também convergem para uma educação que estimula o protagonismo, a autonomia e o pensamento crítico dos estudantes e, embora muito difundidas em teoria, tais metodologias ainda não têm todo seu potencial aplicado no ambiente escolar. Da mesma forma, para alcançar uma autonomia na construção do conhecimento e formar cidadãos com um olhar mais crítico perante a sociedade, considerando as novas tecnologias da comunicação, é preciso também agregar à educação o letramento digital e midiático.

Dessa forma, o embasamento teórico deste trabalho possibilitou refletir sobre o fato de que os parâmetros curriculares oficiais de ensino atuais incentivam a práticas escolares que levam o estudante a ter mais autonomia e protagonismo na construção do seu conhecimento. Seguindo tais parâmetros, as *Trilhas de Aprendizagens* apresentadas pela SME dão dicas de como organizar os estudos, definir metas, pesquisar na internet e dialogar com os colegas de turma e/ou familiares sobre o assunto estudado, chegando a tangenciar as metodologias ativas. Entretanto, a partir do que foi possível analisar, a maioria das atividades propostas prioriza a prática de exercícios que preparam o aluno para provas de vestibulares.

Ainda cabe a ressalva do cuidado que se precisa ter ao se incentivar a autonomia para estudar, principalmente com a finalidade de capacitar jovens apenas para o mercado de trabalho, pois, corre-se o risco de apagar a figura do professor, que tem importante papel neste processo de ensino-aprendizagem. Como Freire (1997, p. 12) nos orienta, ensinar exige: rigorosidade metódica, pesquisa, respeito às vivências dos educandos, criticidade, ética e estética, exemplos

práticos, aceitação ao novo e rejeição a qualquer forma de discriminação, assim como reconhecer e respeitar a identidade cultural. Para tanto, cabe ao professor ser igualmente rigoroso, crítico, ético, assim como ter segurança daquilo que conhece e desconhece, para então, ao respeitar as vivências e o senso comum do educando, estimular a capacidade criadora deste, fazendo parte do processo de construção do saber.

Outro ponto importante a destacar, com base no material analisado, é que, embora em alguns momentos haja o incentivo para que o aluno pesquise na internet para construir seu conhecimento, bem como toda a primeira sequência de atividades do volume 1 trabalhe com o tema das Fake News e dos cuidados que se precisa ter ao se divulgar notícias falsas, não há exatamente um aprofundamento para o letramento digital e leitura crítica da mídia. Como defende este trabalho, tais formas de letramento e leitura têm importante papel no contexto de nossa sociedade contemporânea. Nesse aspecto, em muitos momentos, são apresentadas orientações superficiais de como fazer pesquisas na internet e lidar com questões como a desinformação. Isso considerando os casos daqueles que conseguiram de fato colocar em prática as recomendações dadas pela sequência didática proposta pela SME-SP.

Por fim, a reflexão que fica é se houve de fato a possibilidade de se pôr em prática as propostas feitas pelas *Trilhas de Aprendizagens*, no contexto de ensino remoto devido à pandemia provocada pelo coronavírus. Isso porque, como identificado por meio de algumas notícias veiculadas na mídia recentemente, a educação no período de isolamento social se fez ainda mais precária do que a de costume, pelo pouco poder aquisitivo da maioria da população brasileira e, em grande parte, devido à falta de políticas públicas que dessem conta de providenciar equipamentos e redes Wi-Fi, para que os alunos efetivamente pudessem dar continuidade aos estudos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUADED, Ignacio et al. **Currículo Alfamed de formação de professores em educação midiática AMI (Alfabetização midiática e informacional) na era pós-COVID-19.** São Paulo: Palavra Aberta, 2020. Disponível em: <https://www.palavraaberta.org.br/docs/2021-Curriculo-Alfamed-PT%20final.pdf>. Acesso em: 14 jan. 2022.
- ARREGUY, Juliana. **Datafolha: após ensino remoto, 76% precisam de reforço na alfabetização.** Uol, 2022. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/noticias/2022/02/14/datafolha-educacao-reforco-alfabetizacao-pandemia-covid-aulas-presenciais.htm>. Acesso em: 20 fev. 2022.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa / Ensino de primeira à quarta.** Brasília: MEC/SEF, 1997.
- BRUNER, Jerome. **A cultura da educação.** Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.
- CITELLI, Adilson. **Comunicação e educação: a linguagem em movimento:** Educação em tempo de comunicação. São Paulo: SENAC, 2004.
- CONSANI, M.; CURY, L. **A educação de hoje rumo à educação planetária de amanhã. Comunicação & Educação.** [S. l.], v. 24, n. 2, p. 78-87, 2019. DOI: 10.11606/issn.2316-9125.v24i2p78-87. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/165136>. Acesso em: 4 mar. 2022.
- FOGAÇA, Renata Antunes. **Ensinar é o melhor caminho para aprender, segundo Glasser.** Portal Antenados, 2021. Disponível em: <https://portalantenados.com.br/noticia/19060/ensinar-e-o-melhor-caminho-para-aprender-segundo-glasser>. Acesso em: 16 abr. 2022.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996. Versão on-line disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5019418/mod\\_resource/content/1/Pedagogia%20da%20Autonomia%20-%20livro%20completo.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5019418/mod_resource/content/1/Pedagogia%20da%20Autonomia%20-%20livro%20completo.pdf). Acesso em: 18 fev. 2022.
- \_\_\_\_\_. **Professora sim, tia não.** São Paulo: Olho d'água. 1997. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5098764/mod\\_resource/content/1/Professora%20sim%2C%20tia%20n%C3%A3o%20cartas%20a%20quem%20ousa%20ensinar.%20%281997%29.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5098764/mod_resource/content/1/Professora%20sim%2C%20tia%20n%C3%A3o%20cartas%20a%20quem%20ousa%20ensinar.%20%281997%29.pdf). Acesso em: 27 nov. 2021

GAROFALO, Débora. **Design Thinking: o que é e como usar em sala de aula**. Nova Escola, 2018. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/12457/design-thinking-o-que-e-e-como-usar-em-sala-de-aula>. Acesso em: 12 fev. 2022.

HODGES, Charles et al. A diferença entre ensino remoto emergencial e ensino a distância. **Debate Terminológico**, Porto Alegre, 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3glvD21>). Acesso em: 20 fev. 2022.

MEC. Cultura Digital. **Série Mais Educação - Cadernos Pedagógicos**, 2009. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=12330-culturadigital-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=12330-culturadigital-pdf&Itemid=30192). Acesso em: 24 out. 2021.

\_\_\_\_\_. **Base Nacional Comum Curricular**. 2018. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518-versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf). Acesso em: 23 jan. 2022.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

\_\_\_\_\_. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**; tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya; revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. – 2. ed. – São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

MUNARI, Alberto. **Jean Piaget/Alberto Munari**; tradução e organização: Daniele Saheb. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Ed. Massangana, 2010.

OLIVEIRA, Elida. **Brasil regride em meta para acabar com o analfabetismo e não alcança objetivo de investir mais na educação, diz relatório**. G1, 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2021/06/24/brasil-regride-em-meta-para-acabar-com-o-analfabetismo-e-nao-alcanca-objetivo-de-investir-mais-na-educacao-diz-relatorio.ghtml>. Acesso em: 24 out. 2021.

ONRUBIA, Javier. “Ensinar: criar zonas de desenvolvimento proximal e nelas intervir”. In. **O construtivismo na sala de aula**. São Paulo: Ática, 2006.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. New York: ONU, 1948. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000139423>. Acesso em: 23 jan. 2022.

PEDROSA, Ana Paula da Conceição Amorim; SILVA, Ricardo Lima da. Metodologias ativas na perspectiva da Educomunicação. Editora Realize, 2019. Disponível em: [https://editorarealize.com.br/editora/anais/conapesc/2019/TRABALHO\\_EV126\\_MD1\\_SA13\\_ID1965\\_24072019160510.pdf](https://editorarealize.com.br/editora/anais/conapesc/2019/TRABALHO_EV126_MD1_SA13_ID1965_24072019160510.pdf). Acesso em: 12 fev. 2022.

RANGEL, Rômulo dos Santos et al. Sala de aula invertida: análise de uma experiência com o ambiente virtual schoology. **Revista Novas Tecnologias na Educação**. V. 16 Nº 1, julho, 2018. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/renote/article/view/86029/49392>. Acesso em: 12 fev. 2022.

ROMANCINI, Richard. **Afinal, o que é letramento digital?** Cenpec, 2019. Disponível em: <https://www.cenpec.org.br/tematicas/afinal-o-que-e-letramento-digital>. Acesso em: 24 out. 2021.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. Coordenadoria Pedagógica. **Trilhas de Aprendizagens: Ensino Médio** – volume 1. – São Paulo: SME / COPED, 2020. Disponível em: <https://acervodigital.sme.prefeitura.sp.gov.br/acervo/trilhas-de-aprendizagens-ensino-medio/>. Acesso em: 28 nov. 2021.

\_\_\_\_\_. Coordenadoria Pedagógica. **Trilhas de aprendizagens: Ensino Médio** – volume 2. – São Paulo: SME / COPED, 2020. Disponível em: <https://acervodigital.sme.prefeitura.sp.gov.br/acervo/trilhas-de-aprendizagem-ensino-medio-volume-2/>. Acesso em: 28 nov. 2021.

\_\_\_\_\_. **Currículo Digital da Cidade de São Paulo**. SME, 2017. Disponível em: <https://educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br/apresentacao-do-curriculo-da-cidade/>. Acesso em: 28 nov. 2021.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação, o conceito, o profissional, a aplicação**. São Paulo: Paulinas, 2011.

SOARES, Ismar de Oliveira et al. **Gestão comunicativa da educomunicação: caminhos da educomunicação**. Comunicação & Educação, São Paulo, Ano VIII, n. 23, p. 16-25, jan/abr, 2002.

\_\_\_\_\_. **Educomunicação e alfabetização midiática: conceitos, práticas e interlocuções**. São Paulo, SP: ABPEducon, 2016. Disponível em: <https://abpeducom.org.br/publicacoes/index.php/portal/catalog/view/13/17/573-1>. Acesso em: 14 jan. 2022.

SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n25/n25a01.pdf>. Acesso em: 24 out. 2021.

\_\_\_\_\_. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 24 out. 2021.

TODOS PELA EDUCAÇÃO. **Aumenta em 1 milhão o número de crianças de 6 e 7 anos não alfabetizadas, na percepção dos responsáveis.** Todos pela Educação, 2022. Disponível em: <https://todospelaeducacao.org.br/noticias/aumenta-em-1-milhao-o-numero-de-criancas-de-6-e-7-anos-que-nao-sabem-ler-e-escrever/>. Acesso em: 12 fev. 2022.

TOKARNIA, Mariana. **Analfabetismo cai, mas Brasil ainda tem 11 milhões sem ler e escrever.** Agência Brasil, 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2020-07/taxa-cai-levemente-mas-brasil-ainda-tem-11-milhoes-de-analfabetos>. Acesso em: 24 out. 2021.

TRIMER, Roger. **Material didático e novas tecnologias: Design Instrucional** [curso on-line]. São Paulo: Universidade do Livro – Editora Unesp, 2020.

UNESCO. **Alfabetização midiática e informacional: currículo para formação de professores.** Brasília: UNESCO, UFTM, 2013. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000220418>. Acesso em: 24 out. 2021.

\_\_\_\_\_. **Jornalismo, Fake News & Desinformação: Manual para Educação e Treinamento em Jornalismo.** 2019. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000368647>. Acesso em: 29 jan. 2022.

UNICEF BRASIL, CENPEC EDUCAÇÃO. **Cenário da Exclusão Escolar no Brasil: Um alerta sobre os impactos da pandemia da COVID-19 na Educação.** 2021. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/relatorios/cenario-da-exclusao-escolar-no-brasil>. Acesso em: 14 jan. 2022.

VALÉRIO, M.; MOREIRA, A. L. O. R. Sete Críticas à Sala de Aula Invertida. **Revista Contexto & Educação**, [S. l.], v. 33, n. 106, p. 215–230, 2018. DOI: 10.21527/2179-1309.2018.106.215-230. Disponível em: <https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoeducacao/article/view/7890>. Acesso em: 20 fev. 2022.

VIGOTSKI, L. S. **A Construção do Pensamento e da Linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

\_\_\_\_\_. **Imaginação e criatividade na infância.** São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e Filosofia da Linguagem.** Tradução Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2017.

## REFERÊNCIAS FILMOGRÁFICAS

ESTUDANTE SMESP. **Trilhas de Aprendizagens - 1º Ano Bilíngue - Ensino Fundamental.**

Youtube, 20 out. 2020. Disponível em:

<https://www.youtube.com/playlist?list=PLhGbFbwpNPb4H2yRUmEiirpUTOGDTRqXo>.

Acesso em: 30 out. 2021.

PROVOCA. **O que é a vida? - Ailton Krenak.** Youtube, 8 de ago. de 2019. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=FWKkjHGIqrI>. Acesso em: 28 nov. 2021.

SIGWALT, Mayra - All About That Book. **Ideias Pra Adiar o Fim do Mundo - Ailton**

**Krenak.** Youtube, 3 de abr. de 2020. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=P6pNj9Qy7sw>. Acesso em: 28 nov. 2021.

## **ANEXOS**

ANEXO 1 – Carta aos estudantes

ANEXO 2 – Rotina semanal: Tarefas

ANEXO 3 – Trilha da atividade 2 (Volume 1)

ANEXO 4 – Formulário atividade 2 (Volume 1)

ANEXO 5 – Redação no ENEM: algumas considerações para atividade 3 (Volume 1)

ANEXO 6 – Instruções para redação da atividade 3 (Volume 1)

ANEXO 7 – Planejamento de textos da atividade 3 (Volume 1)

## Queridos Estudantes,

Estamos passando por um momento que requer distanciamento das Unidades Educacionais e demais espaços da cidade. Momento de ficarmos em casa para proteger a família e as pessoas mais vulneráveis.

Mas isso não quer dizer que precisam se distanciar da aprendizagem! Pelo contrário, é importante que seja criada uma rotina para que diferentes atividades estejam presentes no seu dia a dia.

Agora que o recesso acabou, você precisa se dedicar às tarefas escolares.

Neste material, indicamos possibilidades de organização diária. Tem até um espaço para que você crie sua própria rotina.

Ele foi produzido para que você tenha a oportunidade de resolver, nos próximos dias, atividades condizentes com o ano em que está matriculado.

São atividades ligadas às atualidades, que você poderá fazer sozinho ou contando com a ajuda de um dos seus familiares, ou ainda de seus colegas, de maneira virtual.

A parte mais importante: organize o seu dia a dia com atividades deste material ou do livro didático (se você estiver com ele) e leituras. Utilize a seção “Aprofundando os conhecimentos” para aprender ainda mais.

Não faça todas as tarefas de uma vez só. Monte uma rotina de estudos intercalando as diferentes disciplinas, atividades de lazer, momentos de convivência familiar e de descanso.

Além disso, em breve, você receberá de sua escola orientações sobre como entrar em contato com seus professores, que irão indicar outras atividades que você deverá fazer para continuar aprendendo a cada dia.

É muito importante que você realize as atividades previstas e traga este caderno quando as aulas retornarem. Se isso acontecer antes de você terminar as tarefas, não se preocupe, pois os professores darão orientações sobre como esse material pode ser finalizado.

Bom estudo!

**Bruno Caetano**  
Secretário Municipal de Educação

**Rotina Semanal - Tarefas**

			<b>Período</b>
			<b>Linguagens e suas Tecnologias</b>
			<b>Ciências da Natureza e suas Tecnologias</b>
			<b>Ciências Humanas e Sociais Aplicadas</b>
			<b>Matemática e suas Tecnologias</b>
			<b>Propostas de Aprofundamento</b>



## TRILHA DA ATIVIDADE 2

### Primeira Parada

Assista a um trecho da entrevista com [Ailton Krenak](#), um líder indígena e ambientalista, que esteve no programa “[Provocações](#)”, da TV Cultura, hoje apresentado por [Marcelo Tas](#). No trecho sugerido, o entrevistado responde à pergunta: **o que é a vida?**



Assista ao [vídeo](#) e, em seguida, responda, para si, à mesma pergunta.

### Segunda Parada

Recentemente, Ailton Krenak publicou um livro chamado de “*Ideias para adiar o fim do mundo*”. Uma adaptação de duas falas do autor realizadas em Portugal, entre os anos de 2017 e de 2019. No livro, a partir de uma preocupação ambientalista, Ailton discute ideias (im)possíveis que podem(riam) nos ajudar a pensar o adiamento de um suposto fim do mundo.

Acesse [este link](#) e leia um trecho do livro. Em seguida, assista a um comentário do livro [neste canal](#).

**Você acha que é possível adiar esse fim do mundo que Ailton Krenak discute? Por quê?**

### Terceira Parada

Leia o trecho a seguir do livro de Ailton Krenak. Depois, responda às questões 1, 2 e 3 no link do formulário virtual de respostas.

“O simples contágio do encontro entre humanos daqui e de lá fez com que essa parte da população desaparecesse por um fenômeno que depois se chamou de epidemia, uma mortandade de milhares e milhares de seres. Um sujeito que saía da Europa e descia numa praia tropical largava um rastro de morte por onde passava. O indivíduo não sabia que era uma peste ambulante, uma guerra bacteriológica em movimento, um fim de mundo; tampouco o sabiam as vítimas que eram contaminadas. Para os povos que receberam aquelas visitas e morreram, o fim do mundo foi no século XVI”.

Fonte: KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. p. 71.

### Quarta Parada

Você sabia que os problemas com doenças infecciosas dizimaram grandes populações indígenas no Brasil? Leia o trecho seguinte do livro “A história e suas epidemias”, do infectologista Stefan Cunha Ujvari.

“Na costa brasileira, as doenças infecciosas contribuíram para a diminuição da população indígena – contribuíram, pois o principal motivo para o extermínio dos nativos foi a atitude dos colonizadores portugueses. Desde os primeiros anos que se seguiram ao Descobrimento do Brasil, eram constantes as expedições portuguesas trazendo agentes infecciosos que os indígenas desconheciam.

Além de sua interação com os portugueses, os nativos também entravam em contato com os navios franceses clandestinos que vinham buscar o pau-brasil [...] Entre 1549 e 1554, alastrou-se por São Paulo uma epidemia nas tribos indígenas que acometeu os tupinambás até o litoral norte”.

UJVARI, Stefan Cunha. *A história e suas epidemias: a convivência do homem com os microorganismos*. Rio de Janeiro: Editora Senac: 2003. p. 101-102.

Após a leitura deste trecho, confira as respostas que você deu para as questões 1, 2 e 3 do formulário virtual antes de enviar. Depois dessa conferência, responda às questões 4, 5 e 6.

### Quinta Parada

[Escute](#) a canção “Índios”, da banda Legião Urbana, e responda às questões 7, 8, 9 e 10 do formulário virtual de respostas.

### Sexta Parada

Agora, [escute](#) a canção “Um índio”, interpretada por Caetano Veloso, e responda às questões 11 e 12.

### ÚLTIMA PARADA

Leia a notícia “[Ministério da Saúde confirma morte de dois indígenas por covid-19](#)”. Depois, analise a reportagem “[Como a Covid 19 impacta os indígenas isolados?](#)”. Por fim, responda à questão 13 do formulário virtual.



# Trilha de Aprendizagem

denise.rosa.ora@gmail.com [Alternar conta](#)



**\*Obrigatório**

E-mail \*

Seu e-mail

Escola em que estuda \*

Escolher

Nome Completo \*

Sua resposta

Identifique sua turma \*

Sua resposta

Identifique seu número de chamada \*

Justifique sua resposta de chamada

Sua resposta

1) Qual é o encontro entre humanos a que o autor Ailton Krenak se refere? Explique. \*

Sua resposta

2) Considerando a temática do livro, o tempo representado no trecho (século XVI) e o papel social que o autor Ailton Krenak desempenha, quem seria o indivíduo considerado uma "peste ambulante"? Quem eram as "vítimas contaminadas"? Justifique sua resposta. \*

Sua resposta

3) Por que o autor afirma que "para os povos que receberam aquelas visitas e morreram, o fim do mundo foi no século XVI"? \*

Sua resposta

4) Explique por que "o simples contágio do encontro entre humanos daqui e de lá fez com que essa parte da população desaparecesse". Quem eram esses humanos e essa população que desapareceu? \*

Sua resposta

5) Por que esse encontro colaborou para o desaparecimento dessa população? Explique. \*

Sua resposta



Sua resposta

---

6) Substitua as palavras "daqui" e "de lá" por dois continentes. \*

Sua resposta

---

7) Analisando todo o contexto desse contato entre povos indígenas nativos do solo brasileiro e europeus, explique, com suas palavras, qual é a crítica da canção. \*

Sua resposta

---

8) Em qual trecho da canção "Índios", da banda Legião Urbana, o contágio infeccioso entre europeus e indígenas é representado? Transcreva o verso aqui. \*

Sua resposta

---

9) Além do contágio por doenças infecciosas, quais outros problemas os indígenas passaram a sofrer depois desse "contato"? A canção relata alguns. Explique-os. \*

Sua resposta

---

10) Analisando os versos da canção "Índios", de Legião Urbana, apesar da crítica existente, os versos também sugerem certa passividade dos "índios" retratados. No entanto, desde o período colonial, os indígenas mostram-se resistentes às muitas investidas da dominação europeia. Você conhece algumas experiências de resistências indígenas? Já ouviu falar, leu ou assistiu a esse respeito? Relate alguns exemplos de resistência indígena aqui. \*



alguns exemplos de resistência indígena aqui.

Sua resposta

---

11) Pesquise, com seus responsáveis ou na internet, quem foram Bruce Lee e Muhammad Ali, citados em versos da canção "Um índio". Em seguida, responda: que imagem de "índio" é construída nessa canção: eles são mais heroicos ou mais passivos, como na canção anterior? Justifique sua resposta. \*

Sua resposta

---

12) A canção "Um índio" apresenta um fim do mundo para a população indígena ou um recomeço? Explique. \*

Sua resposta

---

13) Em tempos de COVID-19, que medidas devem ser tomadas para adiar o fim do mundo para muitos indígenas brasileiros? Posicione-se a respeito da discussão e proponha medidas possíveis, sustentando-as por meio de argumentos convincentes. \*

Sua resposta

---

14) Ao final de toda essa discussão, registre: o que é a vida para você? \*

Sua resposta

---

Enviar

Limpar formulário

! Nunca envie senhas pelo Formulários Google.

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google. Denunciar abuso - Termos de Serviço - Política de

# Google Formulários



# REDAÇÃO NO ENEM

Algumas considerações

O que será exigido de você?

A prova de redação exigirá de você a produção de um texto em prosa, do tipo dissertativo-argumentativo, sobre um tema de ordem social, científica, cultural ou política. Os aspectos a serem avaliados relacionam-se às competências que devem ter sido desenvolvidas durante os anos de escolaridade. Nessa redação, você deverá defender uma **tese** – uma opinião a respeito do **tema** proposto –, apoiada em **argumentos** consistentes, estruturados com coerência e coesão, formando uma unidade textual. Seu texto deverá ser redigido de acordo com a modalidade escrita formal da língua portuguesa. Você também deverá elaborar uma **proposta de intervenção social para o problema apresentado no desenvolvimento do texto** que respeite os direitos humanos.

TEMA  
↓  
TESE  
↓  
ARGUMENTOS  
↓  
PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/40141-redacao-nota-mil>. Acesso em 30 mar. 2020.

Comece pelo  
início – Leia as  
instruções

## INSTRUÇÕES PARA A REDAÇÃO

1. O rascunho da redação deve ser feito no espaço apropriado.
2. O Texto definitivo deve ser escrito à tinta, na folha própria, em até 30 linhas.
3. A redação que apresentar cópia dos textos da Proposta de Redação ou do Caderno de Questões terá o número de linhas copiadas desconsiderado para efeito de correção.
4. **Receberá nota zero, em qualquer das situações expressas a seguir, a redação que:**
  - 4.1. tiver até 7 (sete) linhas escritas, sendo considerada “texto insuficiente”.
  - 4.2. fugir ao tema ou que não atender ao tipo dissertativo-argumentativo.
  - 4.3. apresentar parte do texto deliberadamente desconectada do tema proposto.

Comece pelo  
início – Leia os  
textos  
motivadores

## TEXTOS MOTIVADORES

### TEXTO I

Às segundas-feiras pela manhã, os usuários de um serviço de música digital recebem uma lista personalizada de músicas que lhe permite descobrir novidades. Assim como os sistemas de outros aplicativos e redes sociais, este cérebro artificial consegue traçar um retrato automatizado do gosto de seus assinantes e constrói uma máquina de sugestões que não costuma falhar. O sistema se baseia em um algoritmo cuja evolução e usos aplicados ao consumo cultural são infinitos. De fato, plataformas de transmissão de vídeos *on-line* começam a desenhar suas séries de sucesso rastreando o banco de dados gerado por todos os movimentos dos usuários para analisar o que os satisfaz. O algoritmo constrói assim um universo cultural adequado e complacente com o gosto do consumidor, que pode avançar até chegar sempre a lugares reconhecíveis. Dessa forma, a filtragem de informações feita pelas redes sociais ou pelos sistemas de busca pode moldar nossa maneira de pensar. E esse é o problema principal: a ilusão de liberdade de escolha que muitas vezes é gerada pelos algoritmos.

VERDÚ, Daniel. **O gosto na era do algoritmo**. Disponível em: <https://brasil.elpais.com>. Acesso em: 11 jun. 2018 (adaptado).

Comece pelo  
início – Leia os  
textos  
motivadores

## TEXTOS MOTIVADORES

### TEXTO II

Nos sistemas dos gigantes da internet, a filtragem de dados é transferida para um exército de moderadores em empresas localizadas do Oriente Médio ao Sul da Ásia, que têm um papel importante no controle daquilo que deve ser eliminado da rede social, a partir de sinalizações dos usuários. Mas a informação é então processada por um algoritmo, que tem a decisão final. Os algoritmos são literais. Em poucas palavras, são uma opinião embrulhada em código. E estamos caminhando para um estágio em que é a máquina que decide qual notícia deve ou não ser lida.

PEPE ESCOBAR. **A silenciosa ditadura do algoritmo.** Disponível em: <http://outraspalavras.net>. Acesso em: 5 jun. 2017 (adaptado).

## TEXTOS MOTIVADORES

### TEXTO III

Comece pelo  
início – Leia os  
textos  
motivadores

#### Utilização da Internet

**64,7%** das pessoas de 10 anos ou mais de idade utilizaram a internet.



**63,8%**



**65,5%**

Cerca de **85%** dos jovens de 18 a 24 anos de idade e **25%** das pessoas de 60 anos ou mais de idade utilizaram a internet.

#### Finalidade do acesso à Internet (%)



**94,2**

Enviar ou receber mensagens de texto, voz ou imagens por aplicativos diferentes de e-mail



**76,4**

Assistir a vídeos, inclusive programas, séries e filmes



**73,3**

Conversar por chamada de voz ou vídeo



**69,3**

Enviar ou receber e-mails (correio eletrônico)

Comece pelo  
início – Leia os  
textos  
motivadores

## TEXTOS MOTIVADORES

### TEXTO IV

Mudanças sutis nas informações às quais somos expostos podem transformar nosso comportamento. As redes têm selecionado as notícias sob títulos chamativos como “*trending topics*” ou critérios como “relevância”. Mas nós praticamente não sabemos como isso tudo é filtrado. Quanto mais informações relevantes tivermos nas pontas dos dedos, melhor equipados estamos para tomar decisões. No entanto, surgem algumas tensões fundamentais: entre a conveniência e a deliberação; entre o que o usuário deseja e o que é melhor para ele; entre a transparência e o lado comercial. Quanto mais os sistemas souberem sobre você em comparação ao que você sabe sobre eles, há mais riscos de suas escolhas se tornarem apenas uma série de reações a “cutucadas” invisíveis. O que está em jogo não é tanto a questão “homem *versus* máquina”, mas sim a disputa “decisão informada *versus* obediência influenciada”.

CHATFIELD, Tom. **Como a internet influencia secretamente nossas escolhas**. Disponível em: [www.bbc.com](http://www.bbc.com). Acesso em: 3 jun. 2017 (adaptado).

Comece pelo  
início – Leia os  
textos  
motivadores

## TEXTOS MOTIVADORES

### TEXTO IV

Mudanças sutis nas informações às quais somos expostos podem transformar nosso comportamento. As redes têm selecionado as notícias sob títulos chamativos como “*trending topics*” ou critérios como “relevância”. Mas nós praticamente não sabemos como isso tudo é filtrado. Quanto mais informações relevantes tivermos nas pontas dos dedos, melhor equipados estamos para tomar decisões. No entanto, surgem algumas tensões fundamentais: entre a conveniência e a deliberação; entre o que o usuário deseja e o que é melhor para ele; entre a transparência e o lado comercial. Quanto mais os sistemas souberem sobre você em comparação ao que você sabe sobre eles, há mais riscos de suas escolhas se tornarem apenas uma série de reações a “cutucadas” invisíveis. O que está em jogo não é tanto a questão “homem *versus* máquina”, mas sim a disputa “decisão informada *versus* obediência influenciada”.

CHATFIELD, Tom. **Como a internet influencia secretamente nossas escolhas**. Disponível em: [www.bbc.com](http://www.bbc.com). Acesso em: 3 jun. 2017 (adaptado).

Comece pelo início –  
Atente-se, mais de  
uma vez, ao que eles  
querem que você  
escreva!

## **PROPOSTA DE REDAÇÃO**

A partir da leitura dos textos motivadores e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija um texto dissertativo-argumentativo em modalidade escrita formal da língua portuguesa sobre o tema “Manipulação do comportamento do usuário pelo controle de dados na internet”, apresentando proposta de intervenção que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.

# PARÁGRAFO POR PARÁGRAFO

Analise uma redação nota 1.000



1º parágrafo  
INTRODUÇÃO

## Redação de CAROLINA MENDES PEREIRA

<p><b>1º Parágrafo</b></p>	<p>Em sua canção “Pela Internet”, o cantor brasileiro Gilberto Gil louva a quantidade de informações disponibilizadas pelas plataformas digitais para seus usuários. No entanto, com o avanço de algoritmos e mecanismos de controle de dados desenvolvidos por empresas de aplicativos e redes sociais, essa abundância vem sendo restringida e as notícias, e produtos culturais vêm sendo cada vez mais direcionados – uma conjuntura atual apta a moldar os hábitos e a informatividade dos usuários. Desse modo, tal manipulação do comportamento de usuários pela seleção prévia de dados é inconcebível e merece um olhar mais crítico de enfrentamento.</p>
--------------------------------	---

### Comentários com legenda de cores

A autora utilizou uma estratégia de introdução conhecida como **“ALUSÃO A OBRAS”**, que consiste na intertextualização da redação com outras obras que sejam conhecidas do autor. Neste caso, Carolina recorreu à canção do cantor Gilberto Gil para dar o “start”.

Aqui, observamos um desdobramento do tema, mantendo, inclusive, um posicionamento da autora, mas ampliando a ideia iniciada pela estratégia “alusão a obras”.

Finalmente, nas últimas linhas, a autora apresenta sua tese sobre o assunto.



2º e 3º parágrafos

DESENVOLVIMENTO

<p style="text-align: center;"><b>2º Parágrafo</b></p>	<p><u>Em primeiro lugar</u>, é válido reconhecer como esse panorama supracitado é capaz de limitar a própria cidadania do indivíduo. <u>Acerca disso</u>, é pertinente trazer o discurso do filósofo Jürgen Habermas, no qual ele conceitua a ação comunicativa: esta consiste na capacidade de uma pessoa em defender seus interesses e demonstrar o que acha melhor para a comunidade, demandando ampla informatividade prévia. <u>Assim</u>, sabendo que a cidadania consiste na luta pelo bem-estar social, caso os sujeitos não possuam um pleno conhecimento da realidade na qual estão inseridos e de como seu próximo pode desfrutar do bem comum – já que suas fontes de informação estão direcionadas –, eles serão incapazes de assumir plena defesa pelo coletivo. <u>Logo</u>, a manipulação do comportamento não pode ser aceita em nome do combate, também, ao individualismo e do zelo pelo bem grupal.</p>
--	---

**Comentários com legenda de cores**

<p><u>Observe os articuladores textuais utilizados pela autora para organizar o parágrafo. Eles dão coesão ao texto, costurando as ideias e garantem que o leitor consiga acompanhar seu raciocínio.</u></p>
<p>Este é argumento da autora. Argumento é o que sustenta a tese, ou seja, o posicionamento da autora sobre o tema.</p>
<p>Em seguida, a autora utiliza uma estratégia argumentativa. É a estratégia que dá brilho, pule e lustra o argumento. O nome dessa estratégia é “argumentação por discurso de autoridade”, que consiste em citar a opinião de uma autoridade/de um especialista no assunto, pode ocorrer de maneira direta (com as próprias palavras do especialista) ou de maneira indireta (com as ideias).</p>
<p>Ela emprega mais uma estratégia, conhecida como causa como “causa e consequência”, em que se apresenta uma ação (causa) e a possível consequência dessa ação.</p>

**3º  
Parágrafo**

Em segundo lugar, vale salientar como o controle de dados pela internet vai de encontro à concepção do indivíduo pós-moderno. Isso porque, de acordo com o filósofo pós-estruturalista Stuart-Hall, o sujeito inserido na pós-modernidade é dotado de múltiplas identidades. Sendo assim, as preferências e ideias das pessoas estão em constante interação, o que pode ser limitado pela prévia seleção de informações, comerciais, produtos, entre outros. Por fim, seria negligente não notar como a tentativa de tais algoritmos de criar universos culturais adequados a um gosto de seu usuário criam uma falsa sensação de livre arbítrio e tolhe os múltiplos interesses e identidades que um sujeito poderia assumir.

**Comentários com legenda de cores**

Observe como a autora introduz o 3º parágrafo, que é uma extensão do segundo. Ela utiliza um articulador de organização de ideias nos textos (em primeiro lugar, em segundo lugar). Além de costurar o parágrafos com articuladores conclusivos (sendo assim, por fim)

Este é o segundo argumento da autora.

Mais uma vez, a estratégia empregada pela autora é a de discurso de autoridade, que é ampliada com interpretações da autora a partir do pensamento do filósofo citado.



4º parágrafo

CONCLUSÃO

**4º  
Parágrafo**

Portanto, são necessárias medidas capazes de mitigar essa problemática. Para tanto, as instituições escolares são responsáveis pela educação digital e emancipação de seus alunos, com o intuito de deixá-los cientes dos mecanismos utilizados pelas novas tecnologias de comunicação e informação e torná-los mais críticos. Isso pode ser feito pela abordagem da temática, desde o ensino fundamental – uma vez que as gerações estão, cada vez mais cedo, imersas na realidade das novas tecnologias –, de maneira lúdica e adaptada à faixa etária, contando com a capacitação prévia dos professores acerca dos novos meios comunicativos. Por meio, também, de palestras com profissionais das áreas da informática que expliquem como os alunos poderão ampliar seu meio de informações e demonstrem como lidar com tais seletividades, haverá um caminho traçado para uma sociedade emancipada.

**Comentários com legenda de cores**

Perceba que a autora utiliza um articulador textual de conclusão para encaminhar o leitor de que estamos chegamos à conclusão.

O ENEM exige uma proposta de intervenção, que é apresentada na conclusão (último parágrafo). Trata-se de uma forma de finalizar o texto, apresentando uma proposta para o problema do tema abordado na proposta da redação. Geralmente, os candidatos utilizam as “GOMIFES” (O Governo, as ONGs, a Mídia, o Indivíduo, a Família, a Escola e a Sociedade). Neste caso, ela apresentou duas propostas com a escola (educação) e palestras com profissionais.

Agora, chegou sua vez de  
produzir uma redação!

Siga a proposta no material impresso!

[Clique aqui para conhecer mais redações nota 1.000!](#)

## REDAÇÃO

### INSTRUÇÕES

1. O rascunho da redação deve ser feito no espaço apropriado.
2. O Texto definitivo deve ser escrito à tinta, na folha própria, em até 30 linhas.
3. A redação que apresentar cópia dos textos da Proposta de Redação ou do Caderno de Questões terá o número de linhas copiadas desconsiderado para efeito de correção.
4. Receberá nota zero, em qualquer das situações expressas a seguir, a redação que:
  - 4.1. tiver até 7 (sete) linhas escritas, sendo considerada “texto insuficiente”.
  - 4.2. fugir ao tema ou que não atender ao tipo dissertativo-argumentativo.
  - 4.3. apresentar parte do texto deliberadamente desconectada do tema proposto.

### TEXTOS MOTIVADORES

#### TEXTO I

**COMO IDENTIFICAR NOTÍCIAS FALSAS**

- CONSIDERE A FONTE**  
Clique fora da história para investigar o site, sua missão e contato.
- LEIA MAIS**  
Títulos chamam a atenção para obter cliques. Qual é a história completa?
- VERIFIQUE O AUTOR**  
Faça uma breve pesquisa sobre o autor. Ele é confiável? Ele existe mesmo?
- FONTES DE APOIO?**  
Clique nos links. Verifique se a informação oferece apoio à história.
- VERIFIQUE A DATA**  
Repostar notícias antigas não significa que sejam relevantes atualmente.
- ISSO É UMA PIADA?**  
Caso seja muito estranho, pode ser uma sátira. Pesquise sobre o site e o autor.
- É PRECONCEITO?**  
Avalie se seus valores próprios e crenças podem afetar seu julgamento.
- CONSULTE ESPECIALISTAS**  
Pergunte a um bibliotecário ou consulte um site de verificação gratuito.

Tradução: Denise Cunha

**IFLA**  
International Federation of Library Associations and Institutions

Fonte: WikimediaCommons

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Not%C3%ADcia\\_falsa#/media/Ficheiro:Como\\_identificar\\_not%C3%ADcias\\_falsas\\_\(How\\_To\\_Spot\\_Fake\\_News\).jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Not%C3%ADcia_falsa#/media/Ficheiro:Como_identificar_not%C3%ADcias_falsas_(How_To_Spot_Fake_News).jpg)

## TEXTO II

### **Diante de pandemia, população deve estar alerta sobre notícias falsas**

*Entidades se mobilizam para desmentir as fake news*

A pandemia do novo coronavírus e as medidas de isolamento social vêm sendo acompanhadas pela ampla profusão de conteúdos sobre o tema. Com isso crescem também as notícias falsas, prática difundida no Brasil e no mundo nos últimos anos. Nesse momento, a população deve tomar ainda mais cuidado tanto para não acreditar em mentiras quanto para não repassá-las.

Notícias bombásticas, prometendo remédios ou saídas milagrosas têm circulado no ambiente online, em redes como Whatsapp, Facebook, Instagram e Youtube. Pessoas sem qualquer qualificação divulgam providências sem embasamento que tratariam a covid-19, como pequenas doses “shots” de imunidade ou a atribuição de poder de cura à hidroxiclороquina, mesmo contra determinação do Ministério da Saúde.

As notícias falsas espalham desinformação e dificultam a divulgação de informações e orientações pelas autoridades à população. Diante da preocupação com a pandemia, o cuidado com a verificação para o repasse muitas vezes pode diminuir, aumentando a circulação desses conteúdos enganosos.

Fonte: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2020-03/diante-de-pandemia-populacao-deve-estar-alerta-sobre-noticias-falsas>. Acesso em 31 mar. 2020.

## PROPOSTA DE REDAÇÃO

A partir da leitura dos textos motivadores e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija um texto dissertativo-argumentativo em modalidade escrita formal da língua portuguesa sobre o tema “**Fake News e os impactos na sociedade brasileira**”, apresentando proposta de intervenção que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.

## PLANEJAMENTO DE TEXTOS DA ORDEM DO ARGUMENTAR (ARTIGO DE OPINIÃO)

INTRODUÇÃO	
<b>Assunto+Posicionamento</b>	
<b>Estratégias para introduzir o assunto:</b>	
<input type="checkbox"/> <b>Declaração:</b> trata-se de uma estratégia em que se afirma/declara algo "forte" sobre o tema.	
<input type="checkbox"/> <b>Definição:</b> trata-se de uma estratégia em que se define o que é o tema, com base em materiais de referências (dicionários, enciclopédias etc).	
<input type="checkbox"/> <b>Referência histórica:</b> trata-se de uma estratégia em que se apresentam fatos históricos ou linhas do tempo ligados ao tema.	
<input type="checkbox"/> <b>Citação direta:</b> trata-se de uma estratégia em que se reproduz literalmente a frase dita ou escrita por alguém, desde que esteja relacionada ao tema.	
<input type="checkbox"/> <b>Citação indireta:</b> trata-se de uma estratégia em que se reproduz, mas não literalmente, a frase dita ou escrita por alguém, podendo modificá-la ou ajustando parte dela, desde que esteja relacionada ao tema.	
<input type="checkbox"/> <b>Comparação:</b> trata-se de uma estratégia em que se compara entre o tema proposto e outros.	
<input type="checkbox"/> <b>Frases nominais:</b> trata-se de uma estratégia em que se inicia o texto com nomes (substantivos ou adjetivos) ou palavras que remetam ao tema que será discutido.	

ARGUMENTO 1	
<b>Estratégias para argumentar:</b>	
<input type="checkbox"/> <b>Autoridade:</b> trata-se de uma estratégia em que se utiliza da opinião/fala de uma autoridade no assunto (médico, jornalista, pesquisador, profissional, alguém experiente etc.).	
<input type="checkbox"/> <b>Comparação:</b> trata-se de uma estratégia em que se utiliza a comparação entre informações ou temas de assuntos parecidos ou diferentes.	
<input type="checkbox"/> <b>Raciocínio lógico:</b> trata-se de uma estratégia em que se utilizam relações de causa e consequência. Assim, o argumento apresenta estratégias a partir de algo que causou um problema/fato e, a partir dele, quais consequências pode gerar.	
<input type="checkbox"/> <b>Comprovação:</b> trata-se de uma estratégia em que se utilizam dados, estatísticas, percentuais, fatos divulgados na mídia ou que circulam na esfera jurídica (leis, artigos e afins) para sustentar o posicionamento do autor do texto.	

ARGUMENTO 2	
<b>Estratégias para argumentar:</b>	
<input type="checkbox"/> <b>Autoridade:</b> trata-se de uma estratégia em que se utiliza da opinião/fala de uma autoridade no assunto (médico, jornalista, pesquisador, profissional, alguém experiente etc.).	
<input type="checkbox"/> <b>Comparação:</b> trata-se de uma estratégia em que se utiliza a comparação entre informações ou temas de assuntos parecidos ou diferentes.	
<input type="checkbox"/> <b>Raciocínio lógico:</b> trata-se de uma estratégia em que se utilizam relações de causa e consequência. Assim, o argumento apresenta estratégias a partir de algo que causou um problema/fato e, a partir dele, quais consequências pode gerar.	
<input type="checkbox"/> <b>Comprovação:</b> trata-se de uma estratégia em que se utilizam dados, estatísticas, percentuais, fatos divulgados na mídia ou que circulam na esfera jurídica (leis, artigos e afins) para sustentar o posicionamento do autor do texto.	

## CONCLUSÃO

### Estratégias para concluir:

- Conclusão-resumo:** trata-se de uma estratégia em que se retomam os aspectos principais do texto e, a partir disso, reforça-se o posicionamento explicitado nos parágrafos iniciais.
- Conclusão-proposta:** trata-se de uma estratégia em que se apresentam propostas de "solução" para o problema.
- Conclusão-pergunta:** trata-se de uma estratégia em que se propõe uma pergunta (geralmente retórica) para o problema/tema discutido, suscitando novas discussões, reflexões ou proposições sobre o mesmo tema.

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---